V + 120 PAGS.

Inoc. vol. II, p. 75

C.C

CHRONICA
DE ELREY
D. AFFONSO
HENRIQUES,

Primeiro de Portugal, em que ſe dá noticia do ſeu naſcimento, vida, e morte:

DEDICADA

A' SOBERANA RAINHA DOS ANJOS

MARIA SANTISSIMA,

COM O TITULO

DA CONCEIC,AM.

Novamente impreſſa por hum devoto da meſma Senhora.

LISBOA:

Na Officina de FRANCISCO DA SILVA. Anno de MDCCXLIX.

Com todas as licenças neceſſarias.

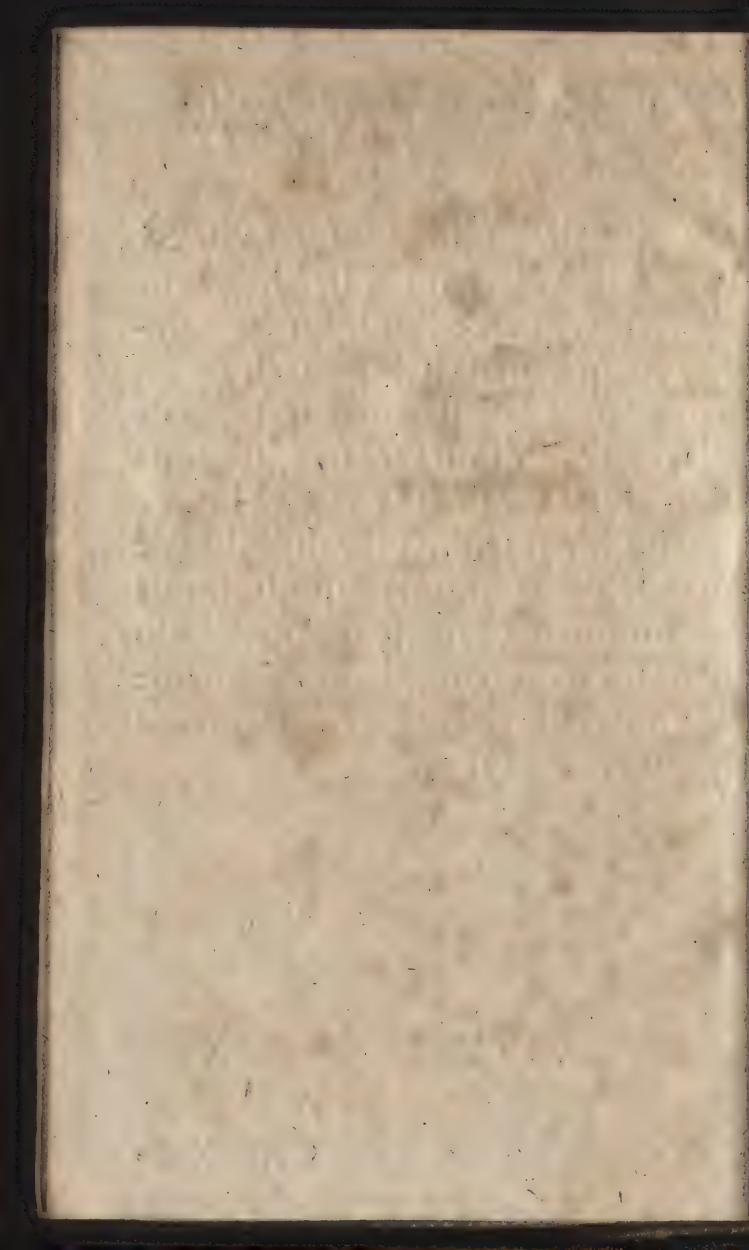
SENHORA.

A *Quem poderey offerecer hum aſſumpto, ainda que limitado na pequenez, grande pela materia que con-*

contèm, senaõ a quem naõ despreza os mais pequenos obsequios, ainda quãdo levaõ acõpanhada a macula de algũ interesse; e como todo o meu he só pôr patente ao publico esta Obra, por ser de El-Rey D. Affonso Henriques, primeiro de Portugal, para que naõ temesse sahir, busquey Protector que a guiasse: e que melhor guia, ou Protectora podia eu achar para o meu intento senaõ a Vós, ó Maria Santissima, com o titulo da Conceiçaõ? A Vós offereço este assumpto, e he bem se vos dedique a vida de hum Rey, que por Vós foy taõ favorecido; e já que com tantos favores nesta vida o ajudastes, fazey que todos imitemos os dezejos de augmentar a Fé, e extirpar as heresias: de amar a Religiaõ Christaã, e exercitar as virtudes mais sólidas: e para que assim succeda, tomay por vossa conta esta empresa, e de guiar-nos, como Estrella que sois, pelo mar deste mundo, até o porto da Eterna Gloria.

D. M. M.

PROTESTAC,AM.

OBedecendo ao Decreto do SS. Papa Urbano VIII. de gloriosa memoria,protesto,de que sem embargo que nesta Obra se escrevem virtudes, e se falla em santidades de ElRey D. Affonso Henriques, ainda naõ declaradas por taes pela Sé Apostolica, naõ tenho tençaõ se lhes dê mais fé do que aquella, que se funda na authoridade humana, e em tudo o mais, como obediente filho, me sujeito ás determinaçoens da Santa Igreja Romana.

CHRONI-

CHRONICA
DE ELREY
D. AFFONSO
HENRIQUES,
Primeiro de Portugal.

CAPITULO I.

Trata da Doaçaõ, que fez á Sé do Porto D. Teresa, antes de reynar seu filho D. Affonso Henriques, e de como este livrou Coimbra dos Mouros, tomou a Cidade de Leiria, e tiveraõ principio a Ordem dos Templarios, e outras.

1

Asceo ElRey D. Affonso Henriques em Guimaraẽs do Conde D. Henrique, e de sua mulher D. Teresa, de naçaõ Castelhana, a 25. de Julho do anno de 1109; e porque nasceo gravemente aleijado sem esperanças de cobrar saude, houve entre os pays hum grande desgosto; porem dando-o a criar a D. Egas Moniz, que antes de nascer este Sol de Portugal, ja o tinha pedido para este effeito, levando-o comsigo com o desconsolo de ver em aquelle Principe defeito taõ grande, começou a

fazer

fazer deprecaçoens a Deos, e a Maria Santiſſima, de quem era muy devoto, pedindo lhe livraſſe aquelle menino do defeito com que naſcera; (parece quiz Deos moſtrar hum apparente defeito exterior, em quem ſe haviaõ de contar muitas perfeiçoens no interior, e naõ ſó neſte com as virtudes, mas no exterior com as obras) e huma noite ſendo-lhe revelado que foſſe a huma Igreja, que havia muitos tempos ſe tinha começado para Santuario de Maria Santiſſima, que ſe chamava *Carquere*, e que levaſſe o infante, e que ahi acharia huma Imagem milagroſamente apparecida, a quem offereceſſe o Infante, o qual logo receberia ſaude: (E bem ſe moſtra querer Deos por ſua bendita Mãy Maria Santiſſima obrar hum milagre naquelle, que por ſeu reſpeito havia de fazer com ſua ajuda tantos prodigios) E ficando D. Egas Moniz com iſto muy conſolado, foy ao dito ſitio, e com effeito fazendo o que lhe fora revelado, ficou o menino ſaõ; por cujo motivo ſe edificou hum Moſteiro no dito ſitio de Conegos Regulares de Santo Agoſtinho, que hoje ſe chama Santa Maria de Muhya, que fica acima do Douro entre a barca de Mejaõ frio, e das Caldas.

2 E por eſta forma quiz Deos logo no principio enſinar ao ſeu ſervo o melhor ſerviço, em que o havia de agradar, além de derramar ſeu ſangue pela Fé, em que lhe

lhe offerecia hum grande facrificio, efte o elevava a hum grande grao de merecimento coroando-o com a edificaçaõ de tantos Templos, que em feu obfequio erigio, nos quaes, efpecialmente em Santa Cruz de Coimbra, e S. Vicente de Fóra, viveo com hum tal exercicio de virtudes, e regular obfervancia dos preceitos Divinos, e Regra porque fe governavaõ os Religiofos, que a eftes acompanhava, veftindo o habito, a todas as Horas Canonicas com muita edificaçaõ de todos.

3 Depois q̃ o Conde D. Henrique feu pay, que governou mais de vinte annos a Portugal, (com o titulo de Conde) que conftava todo o feu diftricto defde Aftorga até Coimbra, tendo de idade 77. annos, morreo no anno de 1112. e foy de Aftorga a enterrar a huma Capella á Cathedral de Braga, de donde D. Diogo Arcebifpo da mefma Sé no anno de 1512. o trasladou para a Capella mór da dita Cathedral, para huma fepultura magnifica, em que hoje exifte. E ficou por fua morte governando o Reyno como Senhora de Portugal D. Therefa fua mulher, a qual morreo em o primeiro de Novembro de 1130. e jaz tambem na mefma Cathedral de Braga na Capella mór defronte de feu marido o Conde D. Henrique, do qual me naõ canfo a expor o que por tantos Chroniftas eftá proferido por diverfos modos, e de todos fabido. Só de ElRey D. Affon-

ſo Henriques referirey o que aquelle ce-
lebre Dezembargador Duarte Nunes de
Leaõ eſcreveo com tanto applauzo deſte
Santo Rey.

4 Por morte do dito Conde D. Henri-
que, ficou a Rainha D. Thereſa ſua mu-
lher (chama-ſe Rainha, porque em Caſtella
a todas as filhas ſenhoras de algum Eſtado
aſſim ſe lhes chamava) em poſſe, e cabeça
do Reyno, como ſenhora proprietaria que
era delle, por ElRey D. Affonſo ſeu pay
lho dar em dote. O qual ella adminiſtrou,
e governou os annos, que viveo depois
da morte de ſeu marido, que foraõ dezoi-
to annos, ſegundo ſe averiguou. Sob cu-
jo governo, e adminiſtraçaõ ficaraõ o In-
fante D. Affonſo ſeu filho, e ſuas filhas
D. Sancha, e D. Urraca, como ſe vê do
teſtamento, e doaçaõ, que a meſma Rai-
nha D. Tereſa fez da juriſdiçaõ da Cida-
de do Porto a D. Hugo Biſpo della no
anno do Senhor de 1120. que foraõ depois
da morte do Conde ſeu marido oito an-
nos: na qual aſſinaraõ, ao coſtume daquel-
le tempo, os ditos ſeus filhos, o Infante
D. Affonſo, e D. Sancha, e D. Urraca. O
qual teſtamento, e doaçaõ eſtá regiſtrado
no Tombo Real do Reyno, na lingua La-
tina, em que naquelle tempo ſe faziaõ as
eſcrituras publicas. Do qual porey aqui
o traslado em Portuguez, como na Sé do
Porto eſtá, e della o mandou D. Fr. Mar-
cos Biſpo da meſma Cidade: Porque he o
mayor

mayor teſtimunho, que póde haver, para confutaçaõ das calumnioſas fabulas, que contra aquelles Principes andaraõ atégora no vulgo. Porque por eſte inſtrumento ſe vê, como a Rainha D. Tereſa naõ caſou com dous irmãos, e como logo o marido falleceo, nem ſua filha D. Sancha paſſou a infamia de caſar com ſeu padraſto, ſendo viva ſua mãy, nem o Infante D. Affonſo Henriques teve cauſa de prender ſua mãy, ſenaõ de veneralla, como ſempre fez até á morte. E a doaçaõ he a ſeguinte:

5 P*Ela authoridade dos antepaſſados padres ſomos admoeſtados, que tudo aquillo que quizermos ſer firme, e valioſo, por eſcrituras publicas o encommendemos á memoria, aſſim dos preſentes, como dos que ao diante forem. Pelo que eu a Rainha Tereſa filha do glorioſo Imperador Affonſo, em honra, e gloria de noſſo Senhor Jeſu Chriſto, e á honra, e louvor da Bemaventurada Virgem Maria, e por remiſſaõ dos meus peccados, e redempçaõ da minha alma, e de meus parentes, faço teſtamento, e Carta de doaçaõ por confirmaçaõ deſta eſcritura á Sé do Porto, daquelle burgo, ou daquella herdade, ou herança, com todas as rendas, e achegas, e com a Igreja da Redondella, e boſque, e Caſtello, que em Portuguez ſe chama Lueda, com todas ſuas pertenças, e Germa-*

de,

de, que minha irmaã a Rainha Urraca ja tinha doado, e com todos os direitos Reaes, que dentro do dito Couto ſe contem. Doo por tanto, e outorgo as ſobreditas heranças, ou peſqueiras a Santa Maria da Sé do Porto, e a D. Hugo Biſpo da dita Sé, e a ſeus ſucceſſores, e faço cauçaõ firmiſſima por ſeus termos; ſc. por Lueda, e dahi pelo ribeiro de Tonairo, que corre por junto do Paço de Garcia Gonçalves, e dahi pelas Pedras fixiles, e dahi por Paramos até a Barroſa, e dahi até a Arca velha, que eſta junto da fonte, e dahi até à outra Arca, e dahi pela Pedra da furada, e dahi ao monte, que ſe chama Pé de mula, e dahi pelo monte dos Cativos, e onde parte Cedofeita com Germade, e dahi por Cartinfeita. e dahi até o Canal mayor, aſſim como corre o rio do Douro. Por tanto, qualquer direito, e qualquer propriedade, que dentro dos ditos limites tenho, ou devo ter, de Bouças, ou de S. Maria de Agoas Santas, ou de outros direitos Reaes, e poſſeſſoens, de tudo faço teſtamento, e doaçaõ á Igreja de Santa Maria da Sé do Porto, e a D. Hugo Biſpo da dita Sé, e ſeus ſucceſſores; e por cauçaõ confirmo, para que o tenha, e poſſua a Igreja do Porto para todo ſempre, e para fim dos fins. E ſe algum de meus parentes, ou eſtranhos tentar romper, tirar, ou quebrar eſte teſtamento, e Carta de doaçaõ, ou cauçaõ, primeiramente incorra na ira

de

de Deos, e seja apartado, e alienado do Santissimo Corpo, e Sangue de nosso Senhor Jesu Christo. E naõ se emendando, no inferno tenha parte com Judas o traydor. E todo o que assim presumir fazer seja nenhum, e de nenhum valor, e em nada se torne. E alem disso pague de pena seis mil soldos, e hum talento de ouro. E esta seja sempre firme, e inviolada. Foy feita esta escritura na era de 1158. annos. E foy confirmada, e assinada no Santo dia de Paschoa, aos 18. dias do mez de Abril, aos quinze dias da Lua, no anno da Incarnaçaõ de nosso Senhor de 1120. na indiçaõ segunda na concorrente de quatro Bispados nella, no anno sexto do Pontificado de D. Hugo Bispo da dita Igreja. Eu a Rainha D. Teresa filha do glorioso Imperador Affonso confirmo, e assino esta Carta, ou cauçaõ, com minhas proprias mãos, juntamente com consentimento de meu filho Affonso, e de minhas filhas Urraca, e Sancha. Testimunhas que presentes foraõ, e ouviraõ, Gomes Nunes, Mendo Viegas, Pero Paes, Pelayo Payo, Egas Gondesendes, Mendo, Bufino, Vidamino. E eu Affonso filho da Rainha Teresa o assino, e approvo. E eu Sancha filha da Rainha Teresa o assino, e approvo. E eu Urraca filha da Rainha Teresa o assino, e approvo. D. Hugo Bispo da dita Igreja da Sé do Porto o assino. Hilario Arcediago da dita Igreja o assino. Nuno Arcediago da dita

Igreja

Igreja o assino. Froilaõ Almartins o assino. Pelayo Clerigo de Missa, e Conego o assino. Sueiro Gondezendes Clerigo de Missa o assino. Diogo Diacono, e Conego o assino. Pedro Subdiacono, e Conego o assino. Mendo Notario o escreveo &c.

6 Governava a Rainha D. Teresa suas terras de Portugal, e o Infante D. Affonso seu filho, que era mancebo, e de altos pensamentos, as defendia dos continuos assaltos, que os Mouros, que tinha por vizinhos, lhes faziaõ, como foy o cerco, que a Coimbra veyo pôr hum Rey Mouro, chamado Eujuni, no anno de 1117. com hum Exercito de tantos mil homens, que as memorias daquelle tempo dizem ser trezentos mil, de que muitos eraõ de cavallo. Mas o Infante, com os que na Cidade tinha, se defenderaõ taõ valorosamente, e tanto entretiveraõ os Mouros, que nelles deo huma taõ cruel peste, que cada dia lhes fallecia muito numero de homens, além da fome, que vieraõ a padecer, por se lhes gastarem os mantimentos no largo tempo do cerco, cuidando elles, que em chegando tomariaõ a Cidade. Pelo que vendo os Mouros a diminuiçaõ que nelles fazia de huma parte a peste, e da outra os Christãos, e que os cercados tinhaõ mantimẽtos, q̃ a elles lhes faltavaõ, desesperados de tomar a Cidade, levantaraõ o cerco, e com grande affronta sua se foraõ, deixando grande parte

ANNO 1117

te

te da gente, que trouxeraõ, morta, com grande honra do Infante D. Affonſo, que naquelle tempo era de 23. annos.

7 Naquelle meſmo anno ajuntou o Infante alguma gente, determinando de naõ eſtar ocioſo, e ganhar honra com os máos vizinhos, que tinha, e fez entrada pela terra de Leiria, cujo Caſtello combateo rijamente. E poſto que foſſe muy forte, e os Mouros ſe defendeſſem com muito esforço, tomou o Caſtello por força, matando á eſpada os mais dos Mouros, que achou. Tomada a Villa, a deo ao Prior D. Theotonio de Santa Cruz de Coimbra, que era hum homem Santo, e em quẽ elle tinha muita devoçaõ, e a elle, e ao ſeu Moſteiro fez doaçaõ do temporal, e eſpiritual della, em que o Prior pôs por Alcaide Payo Goterres, homem principal, e esforçado. E tomada Leiria, proſeguindo o Infante mais pela terra dos Mouros, tomou a Villa de Torres Novas, e dahi ſe tornou para Coimbra com os ſeus carregados de honra, e deſpojos.

8 Neſtes tempos teve origem a Ordem dos Templarios, que ainda hoje he muy lembrada pelo muito louvor que ganharaõ os primeiros Cavalleiros della, e o infame, e laſtimoſo fim, que houveraõ os derradeiros; e muito mais pela grande, e altercada duvida de ſua innocencia, ou culpa. Havia naquelles tempos, em que da Chriſtandade toda hia á Terra Santa

ANNO 1119

grande

grande multidaõ de gentes, nove Cavalleiros quasi todos Francezes muy esforçados; dos quaes sómente ficaraõ os nomes de Hugo de Paganis, e Gaifredo de Santo Adelmaro, que tomaraõ por officio defender os peregrinos, que aos lugares santos hiaõ, dos salteadores, que havia, assim do porto de Japha até a santa Cidade de Jerusalem, como por outros lugares. Andando pois o tempo em que se vio a utilidade, que aos Christãos vinha de seu amparo, e defensaõ, e sendo ja muitos em numero, lhes foy assignado por pousada, e recolhimento hum certo lugar no Santo Templo do Sepulchro de nosso Senhor, por permissaõ do Abbade delle, donde lhes veyo o nome de Templarios, ou Cavalleiros do Templo. Chegando-se a estes muita companhia de Cavalleiros, começaraõ a pelejar contra os infieis, deixando outros em guarda dos caminhos. Pela qual razaõ muitos Principes Christãos, para ajudarem o proposito santo destes Cavalleiros, lhes assignaraõ em seus Reynos rendas, e terras, de que se pudessem sustentar. E o Papa Honorio II. á instancia de Stephano, Patriarcha de Jerusalem, por elles terem feito voto de castidade, & viverem em Irmandade, e Congregaçaõ, lhes deo Regra, e ordem de vida, ordenada por S. Bernardo, com habito branco, a que Eugenio III. accrescentou huma Crúz vermelha, que trou-

xessem

xeſſem nos peitos. Eſtes Cavalleiros creſcerão em tanto numero, e fizerão tanto ſerviço a Deos, e á Republica naquellas partes, que todos os Principes Chriſtãos lhes derão em ſuas terras muitas Villas, e Caſtellos, e grandes rendas, porque ſe eſtenderão não ſómente pelo Oriente, mas pelo Occidente, creando ſeus Meſtres pelas Provincias, e inſtituindo Commendas, cujo Grão Meſtre reſidia na Santa Cidade de Jeruſalem. Neſte eſtado creſcendo em potencia, e rendas, florecerão 200. annos até o anno de 1320. em que o Papa Clemente V. no Concilio de Vienna de França os condenou, e extinguio ſua Ordem pelas cauſas, e motivos que dizemos na Chronica delRey D. Diniz.

9 Por eſte meſmo tempo, e quaſi pelos meſmos meyos, teve principio a Ordem do Hoſpital de S. João de Jeruſalem, cujo principio foy eſte: Em tempo antigo, antes da Santa Cidade de Jeruſalem ſe tomar pelos Chriſtãos, impetrarão alguns peregrinos da Igreja Latina do Soldão do Egypto, por tributo que lhe derão, que pudeſſem edificar hum Moſteiro; o qual fizerão junto da Igreja do Santo Sepulchro, e lhe chamarão Santa Maria a Latina, e nelle inſtituirão hum Abbade com alguns Monges. E eſte Abbade, e Monges dahi a pouco tempo edificarão huma Capella, e Hoſpital para cura, e recolhimento dos peregrinos, da invocação de

S. Joaõ Bautiſta : o qual mantinhaõ do ſobejo de ſeu Moſteiro. Vindo depois a Cidade ás mãos de Chriſtãos, hum Religioſo de naçaõ Franceza por nome Geraldo, que muito tempo havia miniſtrava naquelle Hoſpital, determinou de fazer huma nova Ordem de homens, que fizeſſem aquelle officio, e movendo a iſſo alguns homens pios, tomou o habito de Regular, e com ſeus companheiros curava aos pobres, e enfermos, e aos que morriaõ enterravaõ no campo, que chamavaõ Acheldemach. Deraõ obediencia ao Patriarcha, e ao Abbade, e lhes davaõ os dizimos, do que adquiriaõ. E exercitando eſte officio com muita charidade, e devoçaõ, ſabendo ſe pelos Principes Chriſtãos, lhes fizeraõ muitas doaçoens, e lhes appropriaraõ rendas, e aſſignaraõ Villas, e Caſtellos, para que mais abaſtadamente, e a mais numero de gente pudeſſẽ prover, e ſuſtentar-ſe a ſi. Pelo que creſcendo o numero deſtes Religioſos, o Papa Honorio II. lhes ordenou Regra de viver, e lha confirmou debaixo da Ordem de Santo Agoſtinho, dando-lhes habito negro, e Cruz branca, com voto de caſtidade, pobreza, e obediencia, e de pelejarem contra infieis pela Religiaõ Chriſtaã. Pelo que ficando a adminiſtraçaõ do Recolhimento, cura, e enterramento dos peregrinos, aos que eraõ Clerigos de Ordens, os Leigos ſe occupavaõ na milicia, e dahi em diante

ſe

ſe chamou ſua Ordem do Hoſpital de S. Joaõ de Jeruſalem. O primeiro aſſento deſta Religiaõ foy em Jeruſalem; depois de ganhada a Cidade por Saladino, ſe paſſou á Cidade de Ptolemaida de Phenicia, a que vulgarmente chamaõ Acre, e outros Acon: e perdendo-ſe tambem eſta Cidade, ſe paſſaráõ os Cavalleiros á Ilha de Rhodes, que aos Turcos tomaraõ no anno de 1308.

10 E ſendo-lhes, neſtes tempos proximos a nós, tomada aquella Ilha pelos Turcos no anno de 1522.pediraõ a ElRey D. Joaõ III. de Portugal lhes deſſe a Cidade de Septa, para dalli pelejarem com os infieis, e guardarem o mar Mediterraneo dos Mouros, e Turcos, que as prayas de Heſpanha, e de Levante infeſtavaõ cada dia: o que ElRey lhes negou, naõ ſabemos com quanta utilidade de Heſpanha, e da Chriſtandáde. Pelo que fizeraõ aſſento na Ilha de Malta, a que os antigos chamavaõ Melite, junto a Sicilia, que o Imperador Carlos V. lhes deo em feudo com foro de hum Falcaõ por anno. Na qual ſendo os Cavalleiros acommettidos dos Turcos, que a ella vieraõ muitas vezes com grandes armadas, ſe defenderaõ valoroſamente, poſto que com ſangue, e morte de muitos, e na dita Ilha florecem hoje com grande honra de ſua Ordem.

11 Os Religioſos da Ordem de S. Joaõ

ſe dividem em tres partes, huns ſaõ Cavalleiros Freires, outros Capellães, outros Sargentos, que ſaõ ſervidores para as armas, ou para os officios, que tem algum cargo da Religiaõ. Tambem acceitaraõ Donatos, que ſaõ huns homens, que ſendo caſados, ou ſolteiros, ſe fazem familiares da Ordem, para gozarem das graças, e privilegios della; os quaes trazem huma Cruz branca de tres braços ſós, ſem o de cima, que pelas Leys deſte Reyno naõ gozaõ dos privilegios. Em todas as Provincias da Chriſtandade tem eſta Religiaõ Priores, e Dignidades, e muitas Cõmendas, Villas, e Fortalezas de groſſas rendas. E como ſaõ de differentes naçoens, ſe dividem em oito linguas principaes, a que as mais ſe reduzem. A primeira he de Proença: a ſegunda de Alvernia: a terceira de França: a quarta de Aragaõ, Valença, Catalunha, e Navarra: a quinta de Italia: a ſexta era de Inglaterra: a ſettima he de Alemanha: a oitava de Caſtella, Leaõ, e Portugal.

CAPI-

CAPITULO II.

Trata de como D. Affonſo em tempo de ſua may tomou aos Mouros varias Villãs, e fez outras emprezas de grande valor, e de como foy acclamado Rey, e começou a reynar.

12 TOrnando ao Principe D. Affonſo, como houve a ſeu poder as Villas de Leiria, e Torres Novas, e outras, começou a conceber em ſeu animo outras emprezas de mais riſco, e de mais honra, indignado de ver, em terras, que ja foraõ de Chriſtãos, entronizados os ſequazes de Mafamede, com ſuas Meſquitas levantadas, onde ja houve Igrejas, e Altares, em que ſe celebravaõ os Divinos Officios, e de que tantos damnos, e oppreſſoens recebiaõ todas as terras dos Chriſtãos cada dia. E com conſelho dos ſeus ſe reſolveo em trabalhar quanto pudeſſe pelos lançar fóra dellas, fazendo-lhes logo guerra nas terras de Alentejo, aſſim por nellas haver poucas fortalezas, e a terra ſer fertil, em que podiaõ achar muitos mantimentos, como porque naquellas partes havia hum Rey Iſmar muy poderoſo, que dominava todas aquellas terras do Poente, com quem elle deſejava de ſe encontrar, e dar lhe batalha: do qual ſe Deos quizeſſe que alcançaſſe victoria, eſperava ter o dominio de

de toda a terra da Estremadura, que se lhe naõ poderia defender. Tendo isto determinado, e sendo o anno de 1139. e havendo nove annos que a Rainha sua mãy era fallecida, ajuntou boa companhia de gente escolhida, com a qual, como se fez prestes, partio de Coimbra, e na primeira jornada que fez, aconteceo de lhe morrer seu ayo, e bom conselheiro, D. Egas Moniz, que elle muito sentio, assim pelo amor que lhe tinha, como a pay, porque elle o criara, e servira de menino, como pela muita necessidade que de seu conselho tinha naquelle tempo. E mostrando por sua morte muito sentimento, (como os Principes devem fazer pelos bons servidores, que lhes morrem, para incitar, e contentar os que lhe ficaõ) o mandou muy acompanhado de muita nobre gente a Paço de Sousa, hum Mosteiro, que elle fundara duas legoas da Cidade do Porto para sua sepultura, a que deixou muita renda, e muitos ornamentos, como tambem edificara o Mosteiro de S. Martinho de Cucujaens na terra de Santa Maria, e como sua mulher D. Teresa edificou, e fundou o Mosteiro das Cerzedas, duas legoas de Lamego, da Ordem de S. Bento, em que jaz enterrada. E he para notar a differença que ha dos homens daquelle tempo aos deste, que hum Fidalgo sem terras, e com muitos filhos, em tempo que naõ havia Indias, nem Minas, nem Brasil, com

sua

ſua mulher fundara tres Moſteiros muy ſũptuoſos, e grandes, e os dotava de muitas rendas, ſem deixar dividas a ſeus filhos, o que neſtes tempos ſe naõ faz. A cauſa diſto he a ſobriedade, e temperança dos homens de entaõ, e o luxo, e deſtemperança dos de agora.

13 Partido o Principe daquelle lugar, onde Egas Moniz fallecera, paſſou o Tejo, e as charnecas, ate dar em terras povoadas de Mouros, a que fazia guerra correndo-lhes as terras, e tomando-lhes os lugares. O que ſabendo ElRey Iſmar, mandou requerer a todas aquellas Comarcas e outras, e mandando tambem ſeus Cazices, e homens, que entre elles tinhaõ por de ſanta vida, a convocar gentes da parte do ſeu falſo Propheta Mafoma, que occorreſſem á terra, que eſtava em riſco de ſe perder. Pelo que houve tanta gente de Mouros de a quem, e de além do mar, como de outras gentes barbaras, que ſe affirmava por certo, que para cada hum Chriſtaõ havia cem Mouros, e entre eſtes muitas mulheres, que pelejavaõ como Amazonas, ſegundo ſe vio pelos corpos mortos depois de vencida a batalha, de que eraõ cabeças outros quatro Reys, cujos nomes naõ ficaraõ em memoria. Como o Principe D. Affonſo ſoube da vinda del-Rey Iſmar, e daquellas gentes, teve grande contentamento, e moveo ſeu arrayal contra elles com aquelle fervor, e deſejo,

com

com que os viera buſcar, e veyo a hum lugar do campo de Ourique, que chamaõ Cabeça de Rey, junto á Villa de Caſtro-Verde, e alli ſe juntaraõ ambos os arrayaes, hum á viſta do outro, junto a huma Ermida, que habitava hum velho Ermitaõ de boa vida, o que dizem fora veſpera de Santiago daquelle anno de 1139.

14 Quando os Chriſtãos viraõ taõ immenſa multidaõ dos Mouros, e a deſigualdade que havia de ſi a elles, duvidaraõ de dar a batalha, e tiveraõ receyo de ſe perderem, e diſſeraõ ao Principe, que viſſe o perigo em que ſe mettia, que parecia mais temeridade, que valentia, pelejarem taõ poucos contra tantos, e arriſcarem a honra, e Senhorio de Portugal ao perigo de huma ſó hora, para tentar a Deos. E que lhe naõ diziaõ aquillo por falta de coraçaõ, nem vontade: Mas que ſe deviaõ de guardar para quando com ſua vida o pudeſſem ſervir. E que agora morreriaõ todos os bons, que alli ſe achaſſem, ſem com ſua morte aproveitarem. Peſou muito ao Principe da deſconfiança que vio nos ſeus, e lhes fez huma comprida pratica, e os animou lembrando-lhes que a tençaõ com que todos unanimes partiraõ de Coimbra, fora pelejar pela Fé de Chriſto contra aquelles ſeus inimigos, e que agora eſtando á viſta delles, ſeria grande falta fugir-lhes; porque moſtrariaõ, ou inconſideraçaõ no conſelho que tomaraõ,

ou

ou medo dos inimigos, que viraõ, quando a ſeu ſalvo pudeſſem tornar. E que mais certo eſtava o perigo na fugida, que na peleja; porque os inimigos (como elles diziaõ) eraõ muitos, e eſtavaõ no ſeu, e taõ perto delles, que naõ teriaõ de que ſe valer, para lhes eſcaparem, pois iriaõ ſem coraçaõ: E que ficando, e pelejando, teriaõ a ſi, e a Deos, que os ajudaria, pois pelejavaõ por ſua Fé, e por ſua honra. E que ſe lembraſſem quantas vezes ſeus antepaſſados, ſendo muito poucos, venceraõ grãdes exercitos daquelles Mouros, com que os lançaraõ de ſuas terras; e que naquella hora naõ era a maõ de Deos menos poderoſa, que entaõ. E que ſe no numero da gente eraõ deſiguaes dos Mouros, tambem o eraõ na cauſa porque pelejavaõ, e no galardaõ que eſperavaõ. E que pois Deos os chegara a hum dia e feito taõ glorioſo, onde vencendo ganhavaõ honra, e fama, e terras de que ſe chamaſſem ſenhores, e ſendo vencidos ganhavaõ o Ceo, naõ perdeſſem tal occaſiaõ, que de todo bom Cavalleiro havia de ſer deſejáda: E que como eſtavaõ veſtidos de armas, ſe veſtiſſem de fé, e de eſperança, que lhes promettia teriaõ muy certa a victoria. E que repouſaſſem entaõ, e ao outro dia, em amanhecendo, muito alegres, e confiados accommetteriaõ aquelles inimigos, que Deos lhes trouxera ás ſuas maõs, e confirmaſſem o nome de bons Portu-

Portuguezes, que nunca nas pressas desampararaõ seu Senhor. Ditas estas palavras, e outras com muita efficacia, de tal sorte ficaraõ animados, e contentes, que parece que os esforço do Principe se passou a cada hum delles. E muy alegres lhe responderaõ, que tendo a Deos por sua parte, e a elle por Senhor, e Capitaõ, naõ era razaõ que temessem perigo algum. E que estavaõ promptos para fazerem o que lhes mandasse. Antes de se fazer tarde, o Principe ordenou como estivessem seguros aquella noite.

15 Tendo o Principe seguro seu arrayal com as guardas que lhe pòs, o Ermitaõ, que na Ermida dissemos estava, lhe disse que Deos lhe mandava dizer por elle, que estivesse seguro, e esforçado, que pela boa vontade que tinha de o servir, no dia seguinte haveria victoria delRey Ismar. E que quando ao outro dia pela manhaã visse tanger huma campainha, sahisse fóra de sua tenda, e lhe appareceria no Ceo assim como padecera pelos peccadores. E desde que o Ermitaõ se foy, disse comsigo ElRey: *Deos poderoso, a quem todas as creaturas obedecem, a ti só conheço, e dou graças pelas grandes mercês, que me tens feito, e fazes, em me mandar prometter taõ grande cousa como está; a ti me encommendo, e peço que o inimigo da linhagem humana me naõ possa apartar dos desejos que tenho de te servir,*

e contra

e contra teus inimigos me ajudes. E ditas eſtas, e outras devotas palavras, ſe encommendou a Deos, e a ſua Santiſſima Mãy, e ſe foy recolher. E quando foy meya hora ante manhaã, ſe tangeo a campainha, que o Ermitaõ lhe diſſera, e o Principe ſahio fóra de ſua tenda, e ſegundo elle meſmo diſſe aos ſeus; vio a noſſo Senhor na Cruz, da maneira que padecera, e como o Ermitaõ lhe diſſera, e o adorou com muitas lagrimas proſtrado em terra, onde com o elevamento de eſtar abſorto com aquella viſaõ Divina, dizem que diſſe algumas palavras que excediaõ o eſpirito e coraçaõ humano. Parece que quiz noſſoSenhor que ſeus olhos ſós participaſſem deſta mercê. Porque elle ſó nunca deſconfiou de haver victoria, com ſua graça, e ajuda, contra aquelles Mouros, como os ſeus deſconfiaraõ, quando viraõ aquelle immenſo numero delles. E tambem ſe deve crer, que pela muita devoçaõ que tinha á Cruz, e ás Chagas de noſſo Senhor, em cuja lembrança edificou o grande, e rico Moſteiro de Santa Cruz, lho pagaſſe o Senhor, fazendo-lhe aquelles favores na meſma Cruz, onde lhe moſtrou ſuas Chagas da maneira que as tinha quando padeceo, e o fez merecedor de as ver com ſeus proprios olhos.

16 Tanto que o Senhor deſappareceo, o Principe cheyo de grande prazer, e eſforço, veyo á ſua tenda para ſe armar: e em

em final da batalha que havia de dar, mandou tanger as trombetas, e atabales para despertar os seus, que logo se levantaraõ, e se começaraõ a confessar, e commungar, e ouvir Missa, e dar graças a Deos com grande devoçaõ, e alegria pelo mysterio, que o Principe contou. Acabado isto, o Principe repartio sua gente em quatro batalhoens. No primeiro metteo trezentos homens de cavallo, e tres mil de pé: na retaguarda fez outro batalhaõ com outros trezentos de cavallo, e tres mil de pé. Huma das alas fez de duzentos de cavallo, e dous mil de pé; e outra de outros tantos, que por todos eraõ mil de cavallo, e dez mil de pé. No primeiro batalhaõ hia o Principe com muy bons Cavalleiros, entre os quaes hia D. Pero Paez, que levava a Bandeira, e D. Diogo Gonçalvez Valente, que era pessoa principal. A retaguarda hia encommendada a D. Lourenço Viegas, e a D. Gonçalo de Sousa. A ala esquerda hia encommendada a Men Rodrigues filho de D. Egas Moniz, e a outra a Martim Moniz seu irmaõ. Os Mouros fizeraõ doze batalhoens de gente muy grossa, assim de pé, como de cavallo. Os Portuguezes, ainda que eraõ poucos, como em nascendo o Sol lhes davaõ os rayos nas armas, resplandeciaõ de maneira, que pareciaõ muitos mais, e faziaõ huma apparencia temerosa. O Principe começou de animar os seus

ſeus, chamando os por ſeus nomes, e trazendo-lhes á memoria couſas que os animaſſem. Quando os Grandes, que eſtavaõ com o Principe, viraõ os batalhoens dos Mouros, e ſouberaõ dos muitos Reys, que alli eſtavaõ, pediraõ todos ao Principe lhes fizeſſe mercê dé querer que o chamaſſem Rey, e que aſſim lho pedia toda aquella gente, e que com iſto teriaõ muito mais animo para pelejar. O Principe, como homem magnanimo que era, e que entendia que mayor Reinado era o merecimento do Reino, e o apreço da peſſoa, que o ceptro, e a coroa, lhes reſpondeo, que aſſaz honra era para elle ſer delles taõ bem ſervido, e obedecido, e que diſto ſe contentava, e que naõ ſe queria chamar ſenaõ ſeu irmaõ, e companheiro, e que como tal os ajudaria ſempre com ſua peſſoa contra os inimigos da Fé, e contra aquelles, que damno ou offenſa lhes quiſeſſem fazer; e que para o que diziaõ, outro tempo haveria mais opportuno. Elles lhe tornaraõ a dizer muitas razoens, e lhe pediraõ naõ quiſeſſe reſiſtir a tantas vontades. O Principe vendo ſe taõ apertado delles diſſe que fizeſſem o que quizeſſem. Entaõ todos muy alegres com grande grita, vozes, e acclamaçoens, o nomearaõ Rey, e lhe bejaraõ a maõ. Feito iſto, montou em hum grande, e poderoſo cavallo cuberto de ſuas armas, e quando vio ſer tempo, diſſe a D. Pedro

Paez

Paez q̃ aballaſſe rijo com a Bandeira Real, e os do ſeu batalhaõ o fizeraõ aſſim, e foraõ todos juntos ferir aos inimigos, onde ElRey, que hia diante, ferio com a lança hum Mouro de tal ſorte, que logo deo com elle no chaõ. E rompendo o primeiro batalhaõ dos Mouros, ſeguio o ſegundo, onde havia muy groſſa gente. E por verem o eſtrago, que ElRey fazia, e como entrava tanto por elles, acudio grande poder de gente, que carregava muito ſobre ElRey; e vendo iſto D. Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Souſa, que traziaõ a retaguarda, lhe acudiraõ, e ahi foy huma grande peleja ferida de ambas as partes: Martim Moniz, e Mendo Moniz, como esforçados Cavalleiros, que eraõ, entraraõ cada hum por ſua parte, fazendo hum grande eſtrago nos Mouros. E muito mais ſe aſſignalava ElRey, porque como era de grande corpo, e grandes forças, e mayor coraçaõ onde ſe achava ſe avantajava a todos. Durou a batalha deſde pela manhaã até o meyo dia, ſem ceſſar, ſendo o dia muito quente, e de pó; e quiz Deos que os Mouros foraõ vencidos, e desbaratados, e tanta gente morta, que naõ pode ter conta: o que naõ foy ſem morte de muitos dos Portuguezes, alguns delles homens de grande conta, entre os quaes foraõ Martim Moniz filho de D. Egas Moniz, Capitaõ da ala direita, e D. Diogo Gonçalves, que foy taõ valente

Cavalleiro no animo, como era no appellido, porque foy filho de D. Gonçalo Ovequez Valente, cujo deſcendente foy D. Vicente Affonſo Valente, que inſtituio o morgado da Povoa, que por caſamento de D. Brites Valente com D. Gonçalo de Caſtello Branco, veyo aos da familia de Caſtello Branco, ſenhores de Villa nova de Portimaõ.

17 Eſta victoria foy huma das grandes que houve no mundo, porque naõ ſe achará que taõ poucos foſſem buſcar taõ grande numero de inimigos, para lhes dar batalha campal, ſendo os Mouros, a quem ſe deo, gente ſem numero, muy fera, e bellicoſa, coſtumados ás armas, e muitas victorias, que houveraõ naõ ſó da mayor parte de Heſpanha, que ainda tinhaõ uſurpada, mas de muita parte da Africa, Aſia, e Europa, de que ſe haviaõ feito ſenhores desde o tempo de ſeu falſo Propheta Mafamede. ElRey D. Affonſo ficou no Campo tres dias; e nelles em lembrança dos cinco Reys que vencera, e do que alli lhe acontecera, a Cruz azul em campo branco, que eraõ as armas de Portugal, que ſeu pay o Conde D. Henrique trazia, partio em cinco Eſcudos, que ficaſſem em Cruz, e ſemeados de dinheiros de prata, em lembrança daquelles dinheiros, porque noſſo Redemptor foy vendido. Mas mais veriſimil he, que o numero dos cinco Eſcudos mais foſſe por

lem-

lembrança das cinco Chagas de nosso Senhor, que pelo numero dos Reys vencidos, já que ElRey teve lembrança de sua Paixaõ, e dos dinheiros porque foy vendido; e porque no apparecimento, que nosso Senhor lhe fez de si na Cruz, as vio por seus olhos abertas, e sanguentas: e assim foy sempre a tradiçaõ dos antigos, que ao Chronista naõ lembrou. Estas saõ agora as insignias, e Quinas dos Reys de Portugal taõ conhecidas por todo o mundo, e de que tantas Bandeiras foraõ arvoradas, e reconhecidas por triumphantes em terras taõ remotas da Asia, e da Africa, e de que tantos padroens se lavraraõ, e assentaraõ desde as prayas do mar Oceano de Portugal ate á India, e á China, e ao ultimo da terra.

CAPITULO. III.

Trata de como ElRey D. Affonso Henriques se casou, os filhos que teve, e de outras mais noticias de muito gosto.

18 PAssados os tres dias, que ElRey D. Affonso Henriques esteve no Campo, tornou a Coimbra feito Rey, e victorioso com grande despojo, e riquezas de tantos inimigos, onde foy com muita alegria recebido. Quando ElRey chegou a Coimbra, veyo recebê lo o Prior de Santa Cruz D. Theotonio com grande

grande prazer. E vendo entre os Mouros captivos, que ElRey trazia, huns homens Chriſtãos, que chamavaõ Mozarabes, por morarem entre os Mouros, e que vinhaõ maltratados em habito, e eſtado de captivos, eſtranhou ElRey trazellos aſſim, e o admoeſtou que logo os fizeſſe ſoltar, pois eraõ ſeus proximos, e irmãos na Fé; o que ElRey logo fez. Entre eſtes Mozarabes vinhaõ dous velhos de muita idade, aos quaes ElRey perguntou donde eraõ naturaes; e porque caſo vieraõ a habitar entre os Mouros? E elles lhe diſſeraõ, que ſua origem era da Cidade de Valença de Aragaõ, e ſeu naſcimento delles fora no Algarve em hum Promontorio, ou Cabo, a que os naturaes chamavaõ Sagres. E que hum Mouro grande ſenhor, que chamavaõ Aliboacem, vindo por alli á caça, matara a ſeus pays, e aos que alli mais achara: e que a elles ſendo muito moços os levara captivos a Fez, onde tinha ſua morada; e que a cauſa de ſeus antepaſſados alli viverem foy, que tendo elles em Valença eſcondido o corpo de hum Martyr por nome S. Vicente, do tempo em que os Gentios o martyrizaraõ; vindo a Valença hum Capitaõ Mouro, por nome Abderramen, que perſeguia os Chriſtãos com muitas crueldades, e deſtruia todos os Santuarios, e Reliquias dos Santos, ſeus paſſados com medo delle em huma barca metteraõ o corpo do Santo com hum

corvo, que nunca depois que o Martyr padeceo, deixou de estar no lugar onde o corpo estava, e o defendera que o naõ comessem as aves, quando Daciano o mandou lançar a ellas, e aos animaes, e se metteraõ pelo mar á ventura onde Deos os levasse; e que a barca vindo apportar ao dito cabo de Sagres, os que a trouxeraõ fizeraõ huma pequena Ermida, na qual enterraraõ o corpo, e para si humas casinhas em que viveraõ, e depois seus descendentes, atè que por alli veyo Aliboacem, que os matou, e os levou a elles captivos: e que naquelle lugar se viraõ fazer muitos milagres, e nelle se viaõ sempre muitos corvos, que o frequentavaõ, como que acompanhavaõ o corpo, que alli jazia. E que se daquella Ermida em que o enterraraõ houvesse algum vestigio, ou daquellas casinhas, em que seus passados moravaõ, ou houvesse alguns corvos, que no lugar frequentavaõ, ainda dariaõ onde o corpo estava. ElRey folgou muito de os ouvir, e se lhe representou, que mayor victoria, e mayor despojo seria para elle haver taõ preciosa joya, como eraõ as Reliquias de taõ grande Santo, que quanto houvera delRey Ismar. Pelo que inflãmado em desejos de haver o corpo do Santo, fez tregoas por alguns dias com El-Rey de Fez, e elle mesmo em pessoa com alguns seus criados se arriscou a ir ao Algarve, terra de inimigos, buscar o corpo

do

do Santo, e fazer buscállo; mas a diligencia foy em vaõ: porque, segundo depois se vio, ordenava nosso Senhor fazer-lhe outra mayor mercê, de aquelle santo corpo haver de ter sua sepultura na grande Cidade de Lisboa, que ainda estava em poder dos Mouros, que elle havia de ganhar, e na mesquita mayor della consagrada, e convertida em Igreja Cathedral. Pelo que naõ achando El-Rey sinal algum do que buscava, se tornou para Coimbra, conformando-se com a vontade de Deos.

19 Neste anno mesmo, em que El-Rey D. Affonso Henriques venceo a Ismar, morreo em França Joaõ de Tampes, a que os vulgares chamavaõ Joaõ dos tempos, por erro, e similhança do nome, e de sua grande idade, que viveo trezentos e sessenta e hum annos, segundo contaõ todos os Historiadores Francezes: O qual dizem haver sido homem de armas de Carlos Magno, que começou a reynar no anno de 1269. no qual tempo se mostra ser ja Joaõ de Tampes de dez annos. Mas Paulo Æmylio nos Annaes de França na vida de Luiz VII. como homem grave, que com menos facilidade crê cousas de admiraçaõ, que andaõ em voz de gente vulgar, tem para si que aquelle Carlos naõ foy o Magno, mas que seria o que foy neto de Carlos o Simplez. E sendo ainda assim, naõ fica a vida de Joaõ de Tampes

taõ pouca, que naõ fosse de cento e sessenta annos. Mas quem ler as Historias da India, poderá crer sua idade; porque no tempo que Nuno da Cunha a governava, havia em Dio hum homem Bengalla de trezentos e trinta e cinco annos, e naõ se sabe o que mais viveo.

20 Depois do vencimento delRey Ismar, desejando este vingar-se, juntou muitas gentes, e veyo a Santarem, e levando dahi Hauzeri Alcaide da Villa, e homem muy principal, correo a terra, até chegar a Leiria, a qual combateo, e entrou por força, e matou a mais da gente, que nella achou, e levou preso a D. Payo Goterres. O que foy no anno de 1140. e deixando na Villa boa guarda se foy: o q̃ tudo fez com tanta presteza, que naõ teve tempo ElRey D. Affonso para se aperceber, e o ir buscar. O Prior de Santa Cruz de Coimbra D. Theotonio estando sentido de lhe ser tomada Leiria, que ElRey lhe tinha dado, levou comsigo a mais gente que pode, e foy correr as terras de Alentejo, e tomou a Villa de Arronches. Entretanto que o Prior andava guerreando em Alentejo, ajuntou ElRey gente, e foy sobre Leiria: e como Deos o ajudava em todas as suas emprezas, posto que muy bem lha defendessem os Mouros, a tornou a tomar aos quatro de Fevereiro de 1145. E porque o Prior a quem elle dera a Villa, a naõ guardara como devia, para

ANNO 1140

ANNO 1145

para ſua detenia pós ElRey nella melhor guarda. E eſtando ElRey em Coimbra, veyo o Prior de Santa Cruz de Alentejo, aonde muito tempo andara, e diſſe a ElRey, que pelos Mouros lhe tomarem a Villa de Leiria, que elle lhe dera, tivera taõ grande ſentimento, que deixara a ordem de viver regular, que tinha, e tomara por vida andar em guerra com os Mouros, aos quaes tomara a Villa de Arronches. E que agora punha em ſuas mãos o negocio daquellas Vilhas, pois huma ganhara, e outra perdera, e agora ElRey a tomara, tendo-lhe feito doaçaõ della. ElRey havendo ſobre iſſo conſelho, porque naõ convinha bem a homens, que profeſſavaõ Religiaõ, embaraçarem-ſe em negocios ſeculares, e muito menos no exercicio da guerra, houve por bem, que o eſpiritual deſtas Villas ambas foſſe do Moſteiro de Santa Cruz, e o temporal ficaſſe com os Reys.

ANNO 1146.

21 Depois no anno de 1146. ſendo El Rey D. Affonſo de 52. annos, e havendo 7. que era acclamado por Rey, caſou com D. Mafalda filha de Amadeu Conde de Moriana, e de Madama Guigone ſua mulher, filha do Conde de Albon. O qual Amadeu depois foy feito Conde de Saboya pelo Imperador Henrique o V. de que deſcendem os Duques de Saboya. Eſte he o Amadeu, que vindo da Conquiſta da Terra Santa, aonde duas vezes fora Capitaõ

pitaõ de gente do Papa, morreo na Ilha de Chipre, e jaz enterrado na Abbadia do monte de Santa Cruz, junto a Nicoſia, cuja Genealogia he deſcender de Imperadores de Alemanha, e Duques de Saxonia, como Damiaõ de Goes eſcreveo com muita erudiçaõ, e clareza na Chronica delRey D. Manoel. De maneira que D. Mafalda por origem era de Alemanha, e por natureza Franceza. Pelo que fica manifeſto o erro dos Chroniſtas Portuguezes, e Caſtelhanos, que a fazem filha do Conde D. Henrique de Lara, e outros do Infante D. Affonſo de Molina, que ainda naõ era naſcido, nem naſceo dahi a muitos annos, porque concorreo com ElRey D. Sancho Capello biſneto da meſma Rainha D. Mafalda, como em ſua vida ſe diz; do qual erro ſe pudera tirar o Chroniſta Portuguez, ſe occorrera á Torre do Tombo, porque em todas as eſcrituras, e foraes delRey D. Affonſo Henriques, que deo, ſendo ja caſado, em que, confórme áquelle tempo, as mulheres, e os filhos, e os Grandes do Reyno aſſinavaõ, e confirmavaõ, ſe diz que ElRey D. Affonſo Henriques filho do Conde D. Henrique, e da Rainha D. Tereſa, e neto do grande Rey D. Affonſo com ſua mulher D. Mafalda filha do Conde Amadeu de Moriana faz doaçao &c. E o meſmo erro evitaraõ os Caſtelhanos, ſe leraõ ao ſeu Arcebiſpo de Toledo D. Rodrigo Ximenes na Chro-
nica

nica dos Reys de Hespanha, onde diz, que ElRey D. Affonso Henriques foy casado com Mafalda filha do Conde de Moriana: O que o mesmo nome Mahault mostra, que he proprio, e vulgar de Francezes, e naõ de outra naçaõ. E mais verisimil era, que hum primeiro Rey de Portugal taõ valoroso, e altivo, como ElRey D. Affonso Henriques, sendo solteiro, e sem herdeiros, casasse com a filha de hum Principe senhor de muitos Estados, descendente de muitos Imperadores, que com a filha de hum Conde senhor de duas Villas, vassallo de hum Rey seu vizinho, ainda que de nobre sangue fosse. Nem os Portuguezes eraõ taes, que lho consentiriaõ por seu brio, e opiniaõ, como fizeraõ a ElRey D. Sancho Capello, sendo taõ inferior na authoridade, e valor a seu bisavô ElRey D. Affonso, que por casar com D. Mecia filha de D. Lopo Dias de Haro, senhor de Viscaya, sua parenta, por ser formosa, a tomaraõ, e a levaraõ a Galliza, donde nunca mais tornou, por dizerem que naõ era sua igual, e que lhe offereciaõ filhas de Reys com que casasse.

22 Da Rainha D. Mafalda houve ElRey D. Affonso a D. Sancho, que lhe succedeo no Reyno, e nasceo em Coimbra a 11. de Novembro de 1154. e a Rainha D. Urraca, que casou com D. Fernando Rey de Leaõ, que depois, pelo Papa naõ dispensar com elles, os apartou, tendo ja

ja o Infante D. Affonso, que morreo moço. E assim houveraõ a Rainha D. Teresa, que casou com Philippe, primeiro do nome, Conde de Flandres, e de Henao. A esta Rainha D. Teresa os Escritores das cousas de Flandres chamaõ Matildis: o que parece seria por amor de seu marido, a quem aquelle nome naõ soaria tam bem, como ja outro fez pelo de Urraca. Esta Princesa em quanto viveo se chamou sempre Rainha, pelo costume daquelle tempo, em que as filhas dos Reys de Portugal, ainda que casadas com maridos, que Reys naõ fossem, se chamavaõ assim. Della escrevem os Flamengos muitas cousas de mulher de grande animo, e esforço varonil, assim no governo dos estados de Flandres, que o Conde seu marido lhe deixou encarregados, quando passou á Conquista de ultra mar, como depois de viuva nas differenças, que teve com Francezes, e outras gentes, sobre a defensaõ de suas terras, de que ficou usufructuaria. Veyo a fallecer sem filhos no anno de 1218. e de morte desastrada, passando junto da Villa de Furnas por hum lugar apaulado, em que cahindo as andas em que hia, se sorveraõ em hum olho, e atolleiro, que alli havia: pelo que aquelle lugar dahi em diante se chamou o buraco, ou foio da Rainha Jaz enterrada no Mosteiro de Clara-Valle em Borgonha, com o Conde Philippe seu marido, para onde a

passaraõ

paſſaraõ do Moſteiro Dunienſe, em que foy depoſitada.

23 A hiſtoria antiga diz, que houve outra filha mais velha que as outras, por nome D. Mafalda, que caſou com D. Raimundo filho de D. Raimundo Conde de Barcelona, e que ſeu recebimento ſe fez na Cidade de Tui, onde diz que a veyo receber o Conde Raimundo, por procuraçaõ de ſeu filho. Mas quem ſeguir a razaõ dos tempos, achará que aquella hiſtoria he manifeſtamente falſa: Porque ElRey D. Affonſo Henriques caſou no anno de 1146 no qual tempo D. Raimundo Berenguer Conde de Barcelona, que foy o ultimo dos Raimundos, e dos Condes de Barcelona, era ja caſado com D. Petronilla Rainha de Aragaõ, filha de D. Ramiro o Monge: pelo qual caſamento, o Condado de Barcelona ficou unido com o Eſtado de Aragaõ ategora. Alem diſſo eſte D. Raimundo deixou dous filhos moços, e nenhum ſe chamou Raimundo; porque o primogenito, a quem puzeraõ eſſe nome, ſe lhe mudou em Affonſo, ſendo menino: O qual ſe chamou D. Affonſo o Caſto, e foy o ſegundo do nome, e caſou com a Infanta D. Sancha, filha delRey D. Affonſo, a quem chamaraõ Imperador das Heſpanhas, e de ſua mulher a Rainha D. Rica. E o outro filho, que o Conde D. Raimundo Berenguer teve, ſe chamou D. Sancho, que foy Conde de Ruiſelhon, e de

e de Cerdania. Pelo que ſendo o ultimo Raimundo Conde de Barcelona ja caſado com a Rainha de Aragaõ ao tempo que D. Mafalda (ſe a houvera) naõ podia ſer naſcida, e naõ deixando filho Raimundo, fica convencido, naõ ſe fazer tal caſamento, como o Chroniſta diz. Nem ElRey D. Affonſo Henriques teve tal filha, ſegundo o Arcebiſpo de Toledo, a que ſe ha de dar muito credito, pela muita authoridade de ſua peſſoa, e dignidade, e por ſer vizinho daquelle tempo. Ao que ajuda, que caſando ElRey D. Affonſo no dito anno de 1146. e ſendo o caſamento de D. Mafalda ſua filha no anno de 1155. como o Chroniſta diz, ainda que ella naſcera primeiro que os outros irmãos, e logo no primeiro anno, tirados nove meſes, que havia de andar no ventre de ſua mãy, ficava caſando de oito annos, o que naõ he veriſimil: e muito menos o era, que hum Conde de Barcelona (ſe o houvera) velho, e taõ grande Senhor, vieſſe buſcar em peſſoa huma nora menina, e a levaſſe taõ ante tempo, naõ havendo cauſa de guerra entre Provincias taõ diſtantes, nem deſavença de pazes. Tambem ſe ajunta outra conjectura, que a Infanta D. Tereſa caſou com o Conde de Flandres no anno de 1184. pelo que ficavaõ do caſamento de D. Mafalda ao ſeu 29. annos, o que tambem naõ he veriſimil, ſendo ambas irmaãs por parte de pay, e mãy. A outra

ANNO 1146

outra razaõ mayor que todas he, que nas doaçoens, e cartas, que ElRey D. Affonſo Henriques fazia, onde aſſinavaõ ſua mulher, e filhos, ao coſtume daquelle tempo, naõ eſtaõ aſſinadas mais que as duas filhas D. Urraca, e D. Tereſa, como pelos livros da Torre do Tombo ſe póde ver. A eſte erro daria cauſa caſar ElRey D. Affonſo Henriques ſeu filho primogenito o Infante D.Sancho com a Infanta D. Aldonça filha do dito Raimon Berenguer, o ultimo, que foy Principe de Aragaõ, e marido da Rainha D. Petronilla, como na vida delRey D. Sancho ſe dirá. Eſte diſcurſo ſe fez taõ largo em couſa que importava pouco, para ſe ver quanto faz para a verdade da hiſtoria a razaõ dos tempos, e com quanto juizo ſe haõ de ler as hiſtorias, e quanta conſideraçaõ, e diligencia requer o officio do Hiſtoriador: e tãbem por ſe me naõ imputara temeridade confutar alguas couſas, que eſtaõ ja taõ recebidas da antiguidade; pois como ſe erra em huma couſa, ſe póde errar em outras mais. Alèm deſtes filhos legitimos, houve ElRey D. Affonſo hum filho ſendo ſolteiro, que ſe chamou D. Pedro Affonſo, de quem naõ ſabemos a dignidade, nem os filhos que deixou. Teve mais ſendo ſolteiro huma filha chamada D. Tereſa Affonſo, que caſou com hum homem grande naquelle tempo, que ſe chamou D. Sancho Nunes, de quem naſceo D. Urraca

ca Sanches, que casou com D. Gonçalo de Sousa; dos quaes nasceo o Conde D. Mendo o Souzaõ, que era o principal Senhor, que entaõ havia em Portugal.

CAPITULO IV.

Trata da tomada de Santarem, circunstancias, que houve de admiraçaõ, e de como mandou fundar o Mosteiro de Alcobaça,

ANNO 1147

24 NO anno de 1147. tomou ElRey D. Affonso em pensamento emprender huma cousa grande, que havia muito que desejava, e em que achava grande repugnancia, que era tomar Santarem. De huma parte via, que daquelle lugar lhe faziaõ os Mouros guerra á sua terra, e que delles recebia muito damno: e da outra a fertilidade, formosura do campo, e bondade daquella Villa, a que elle chamava paraiso. De outra parte se lhe representava a fortaleza, e aspereza do sitio, a multidaõ da gente, e abundancia de mantimentos, que nella havia. Pelo que lhe parecia impossivel pôr em effeito a sua determinaçaõ: e assim o parecia áquelles com quem elle o communicava. Mas como elle era de animo grande, e invencivel, determinou de o intentar. E para saber o meyo porque melhor tomaria a Villa, descobrio seu pensamento

to a Mendo Moniz, filho de D. Egas Moniz, Cavalleiro muito esforçado, e prudente, & lhe mandou que foſſe a Santarem com pretexto de aſſentar tregoas com o Alcaide Hauzeri, e viſſe porque parte, e porque maneira ſe poderia entrar na Villa. D. Mendo Moniz, aſſim como entrou na Villa, eſpiou tudo muy bem, e tornando, fallou com ElRey em ſegredo, e fez o negocio muy poſſivel, e lhe prometteo, que elle ſeria dos primeiros, que puſeſſem ſuas bandeiras ſobre os muros, e quebraria as fechaduras das portas, como depois cumprio. Recebeo ElRey com goſto a nova que lhe deo: e vendo que o principal deſte negocio era o ſegredo delle, naõ ſe fiou de o communicar com todos os do ſeu Conſelho, nem no Paço, por naõ ſerem ouvidos, e ſe ſahio da Cidade de Coimbra a paſſear ao campo, que eſtá á borda do Mondego, que chamaõ o Arnado: e alli apartou Lourenço Viegas, e D. Gonçalo de Souſa, e D. Pero Paes ſeu Alferes, e outros, e lhes diſſe ſua determinaçaõ. E ouvidos ſeus pareceres, lhes mandou tiveſſem naquelle negocio grande ſegredo, e que nem na partida o deſcobriſſem. Acabado o Conſelho, veyo ElRey para a Cidade, e Moſteiro de Santa Cruz em que aſſiſtia; e depois diſto ſe fez preſtes; ſómente com os continuos de ſua caſa, e alguns de Coimbra. E tomando mantimentos, que lhe baſtaſſem, ſem peſ-

ſoa

soa alguma saber para onde caminhavaõ, mais que os do Conselho, e o Prior de Santa Cruz, que era Santo Theotonio em quem tinha muita devoçaõ, e lhe descobrira o segredo; partio huma segunda feira, e foy por caminhos encubertos, e taõ differentes, que os Mouros naõ pudessem saber delle, nem para onde hia. E na primeira jornada vieraõ pôr suas tendas a Alfafar, e na segunda foraõ dormir a Cornodellas, e dahi mandou D. Mendo Moniz, que fosse dizer ao Alcaide de Santarem, que lhe levantava a tregoa, e naõ valesse mais que dahi a tres dias. Porque naquelle tempo cada hum podia quebrar a tregoa a seu inimigo, quando quisesse, fazendo-lho saber antes. D. Mendo Moniz foy, e tornou á Aldea de Pegas, onde ElRey estava. Partindo dalli ElRey pella serra de Albardos, e indo fallando com elle D. Pedro seu irmaõ em cousas de França, onde havia estado, lhe contou dos muitos milagres, que Deos fazia naquella terra pelo Abbade de Claraval, Bernardo, que entaõ vivia, e quantas cousas outorgava das que lhe pediaõ. ElRey movido de devoçaõ disse, que promettia a Deos, que se pelos rogos daquelle santo Varaõ tomava a villa de Santarem, que elle lhe daria para hum Mosteiro da Congregaçaõ, que instituio, toda aquella terra, quanta dalli via ate o mar, como depois fez, havida a victoria, que
em

em cumprimento de ſeu voto edificou o grande, e Real Moſteiro de Alcobaça, e lhe deo aquella terra toda, em que ha muitas Villas, e lugares. Naquella ſerra de Albardos eſteve ElRey até quinta feira de noite, E pelo ſeraõ partio, e andou toda a noite até a mata, que eſtá ſobre Pernes, onde chegaraõ á ſeſta feira, antes de amanhecer. E alli deſcobrio ElRey a todos os ſeus ao que hiaõ, e lhes fez huma practica animando-os para feito de tanta honra, e taõ importante ao ſerviço de Deos, e ſeu, trazendo-lhes á memoria a victoria, que havia taõ pouco houveraõ contra cinco Reys Mouros, e tantas gentes, e aſſegurando-os daquella muito mais. E louvando-lhe as moſtras que davaõ, de eſtarem deſejoſos de ſe ver ja na empreſa, lhes encommendou que eſcolheſſem de entre ſi cento e vinte, para dez eſcadas, que haviaõ de encoſtar ao muro, partidos a cada huma doze, e que os primeiros levantaſſem logo ſuas Bandeiras. E que porque haviaõ de achar os inimigos nus, e deſarmados, e de improviſo, naõ perdoaſſem a nenhuma peſſoa, nem idade, mas todas mataſſem á eſpada. Os Portuguezes ouviraõ a ElRey com grande moſtra de contentamento, e deſejo de ſe verem já naquelle feito: mas conſiderando o grande ardid delRey, e o riſco daquelle negocio, e que em nenhum perigo o haviaõ de achar menos, lhe pediraõ que os deixaſſe

xasse obrar a elles, e que elle se deyxasse alli ficar: porque sendo elles vencidos, os inimigos naõ ganhariaõ tanta honra, nem se perdia por isso o Reino; mas que perigando elle, tudo se perdia, e com razaõ se poderiaõ em todo tempo chamar traydores, pois tendo tal Rey, o quiseraõ perder. ElRey lhes respondeo, que nunca Deos quisesse, que onde taõ bons, e leaes vassallos arriscavaõ suas vidas por amor delle, poupasse elle a sua; nem queria viver sem elles. Passadas estas palavras, apparelharaõ o que era necessario para o que pertendiaõ, e deixando as tendas, e o que mais traziaõ, se puseraõ a cavallo, e chegaraõ aos olivaes de Santarem de noite. E estando ja ElRey perto da Villa, se puseraõ em hum Valle escuso taõ perto do lugar, que ouviaõ as vélas dos Mouros, quando huns a outros fallavaõ, e alli estiveraõ toda a noite com os cavallos pelas redeas apeados, vigiando com grande cuidado pelo que ao dia seguinte esperavaõ fazer. E quando veyo o quarto da Alva, tempo em que entenderaõ que as vélas estariaõ mais somnolentas, e os da Villa mais descuidados, e entregues ao somno, partio ElRey dalli com os seus, deixando naquelle Valle os pagês com os cavallos, e tomaraõ o caminho de Monteraz, e a fonte da Tamarma, que quer dizer em Arabigo: Das agoas doces: e foraõ pelo Valle, indo diante D. Mendo Moniz, que bem

bem ſabia as entradas, e ſahidas, e logo ElRey junto a elle. E poſto que por onde levavaõ tençaõ de eſcalar, acharaõ o contrario, do que cuidavaõ, Deos (a cuja vontade naõ póde haver reſiſtencia) lhes converteo em bem eſſe impedimento: Porque no lugar por onde haviaõ de ſubir, e tinhaõ por certo naõ haver ahi alguma guarda, acharaõ duas vélas poſtas em cadafalſos feitos do novo, e que ſe deſpertavaõ hum ao outro. Niſto a ronda, que andava pelo muro requerendo as vélas, chegou por alli, e lhes fallou. Os Chriſtãos ſe deixaraõ eſtar quedos em hum cãpo, que ahi eſtava, até lhes parecer que as vélas poderiaõ adormecer. E dahi a pouco abalou D. Mendo Moniz com os ſeus muy desgoſtoſo por aquelle deſaſtre; e por cima da caſa de hum olleiro foy ao muro a pôr a eſcada em huma haſtea, a qual naõ ſe tendo no muro, correo pela haſtea abaixo, e deo no telhado, fazendo grande eſtrondo: do que D. Mendo havendo grande peſar, pòr recear que deſpertaſſem as vélas, ſe abaixou, e eſteve quedo: e dalli a pouco fez aſſentar curvo hum mancebo, e por cima delle pôs a eſcada mais entregue no muro. E tanto que por ella ſubio em cima, logo levantou a Bandeira Real, que levava, e ſubiraõ com elle dous. E naõ eſtando ainda ſobre o muro mais de tres, acordaraõ as vélas, e os ſentiraõ, e hum delles em voz muito ronca

D e dor-

e dormente disse: *Quem esta ahi?* D. Mendo lhe respondeo em Arabigo, que elle era dos da ronda, e que tornava para lhe dizer certas cousas, que importavaõ, que descesse abaixo ao muro; e tanto que desceo, D. Mendo o matou, e lhe cortou a cabeça, e a deitou aos de fóra, para mais os animar, e assegurar. A outra véla, quando conheceo serem Christãos, começou a bradar a grandes vozes dizendo: *Nacerani*, *Nacerani*, que quer dizer: Christãos, Christãos. E naõ estando ainda encima do muro mais que dez, chegaraõ os Mouros da ronda, correndo aos brados da véla, e encontrando-se com os Christãos, vieraõ á espada muy bravamente: os Christãos por executarem o a que vinhaõ, os Mouros por lho empedir, antes que mais cresceße o mal. D. Mendo decima animava os seus, bradando por Santiago. ElRey do pé do muro, onde estava, bradava aos decima, *Mata*, *Mata*, *andem todos á espada*. Os que hiaõ subindo apartavaõ-se em duas partes para pelejarem com os Mouros, que acodiaõ. E era ja tamanha a revolta, e arruido das vozes de ambas partes, que se naõ sabiaõ entender. Entaõ disse ElRey aos seus muy apressado: *Ajudemos os nossos, e tomemos á parte direita se pudermos subir até Alfaõ, e Gonçalo Gonçalvez com os seus á esquerda, que tome primeiro o caminho que vem do Seixego, que naõ possaõ os Mouros*

pri-

primeiro tomar por lá a entrada da porta, e aſſim atalhados ſe percaõ os noſſos á mingua. Mas iſto ſuccedeo melhor, porque quando trabalhavaõ para entrar pelo muro, entraraõ pelas portas. E de dez eſcadas, que fizeraõ, duas ſó baſtaraõ para tudo: porque ſubiraõ até vintecinco homens, os quaes correraõ com preſteza a quebrar as portas com hum machado, que de fóra lhes deraõ. E quebradas as fechaduras, e cadeados, entrou ElRey a pé com os ſeus: e poſtos os joelhos em terra entre as portas, deo muitas graças a Deos por tamanha mercê, e beneficio, que mais com verdade ſe podia chamar milagre. Os Mouros acodiraõ todos ás portas, pelejando muy valentemente: e deſeſperando de ſe poderem alli ter, ſe recolheraõ os mais delles a Alfaõ. Mas pelo deſapercebimento delles, foraõ logo entrados, e muitos, aſſim homens, como mulheres, de toda a idade, mortos á eſpada; de que corria tanto ſangue pelas ruas, como ſe alli ſe degollara muito gado. Todos os que eſcaparaõ da morte, foraõ captivos, e entre elles tres Mouros principaes, de que ElRey houve fazenda de muita valia, e aſſim houve muito rico deſpojo, que na Villa ſe achou. Os que foraõ eſcolhidos para eſcalar a Villa, foraõ D. Mendo Moniz, Guarda mór delRey, filho de D. Egas Moniz, D. Pedro Affonſo, filho baſtardo delRey, D. Lourenço

Viegas, D. Pero Paez seu Alferez, D. Gonçalo Gonçalves, e outros nobres, e ricos homens. Assim foy tomada a nobre, e populosa Villa de Santarem no anno de 1147. vespera do apparecimento de Saõ Miguel, que he aos sette dias de Mayo, e naõ em Settembro, quando he a festa da Dedicaçaõ de S. Miguel, como hum Estevaõ de Garivay Chronista Castelhano diz, querendo dar a entender, que ElRey começou esta jornada em Mayo, e a acabou em Settembro, naõ declarando de qual das festas de S. Miguel se fallava, se do apparecimento, que he a oito de Mayo, ou da Dedicaçaõ, que he a 29. de Settembro: o que he erro manifesto; porque ElRey partio de Coimbra huma segũda feira, que foraõ dous de Mayo, em que foy dormir a Alfafar, e á terça foy dormir a Cornodellas, e na quarta á Aldea das Pegas, e na quinta á serra de Albardos, e sesta feira em amanhecendo foy á mata de Pernes, e á noite aos olivaes de Santarem, e ao sabbado de madrugada, que foraõ sette dias do mesmo mez, escalou, e tomou a Villa. De maneira que ElRey esteve huma segunda feira em Coimbra, e ao sabbado seguinte pela manhaã estava senhor pacifico de Santarem, que foraõ por todos cinco dias e meyo, e naõ cinco mezes. Pelo que com razaõ podia dizer, o que Iulio Cesar disse por si: *Vim, Vi, Venci.*

ANNO 1147

CAPI-

CAPITULO V.

Trata da tomada de Lisboa, e antiguidades deſta Cidade, e da Villa de Santarem.

25 E Porque a eſta Villa ſe deo differente nome em tempo dos Chriſtãos, que a tomaraõ, do que tinha em poder dos Mouros, e eſſes lhe tinhaõ corrupto o nome antigo do tempo dos Romanos, naõ parece fóra de propoſito tratar aqui da razaõ deſta mudança, e da antiguidade, e nobreza daquella Villa. Santarem em tempo dos Romanos foy Cidade nobiliſſima, e huma das cinco Colonias, que houve na Luſitania. Seu nome era *Scalabis*, e por outro nome, ſegundo Plinio, *Præſidium Julium*, que quer dizer, preſidio, ou lugar de gente de guarniçaõ de Julio, no que parece que ou foy edificada por Julio Ceſar, ou no ſeu tempo, ou por ventura antes, pois nella pôs preſidio. Foy além diſſo hum dos tres Conventos juridicos, que houve na Luſitania: eſtes Conventos eraõ as Relaçoens, ou Parlamentos, a que as appellaçoens, e aggravos, e caſos mayores da Juſtiça vinhaõ, como á mayor alçada; os quaes Tribunaes naõ ſe punhaõ ſenaõ nas principaes Cidades. Húma das Colonias da Luſitania era Merida, a ſegunda Medelhim,

delhim, a terceira Beja, a quarta Norba Cesarea, que era hum lugar junto á ponte de Alcantara, a quinta Scalabis, que agora he Santarem. Dos tres Conventos da Lusitania o primeiro era Merida, o segundo Beja, o terceiro Santarem; o qual era o que tinha mayor territorio, e a que mais gentes vinhaõ: Porque Merida servia áquella parte de Alcantara, e ás Cidades de Coria, Caceres, Truxilho, Placencia, e Avila: A de Beja servia ao Reyno do Algarve, e Provincia de Alentejo: Mas Scalabis servia até o Douro, e a toda a terra da Beira, Riba de Coa, e parte de Tras os Montes, e até ás Cidades de Miranda, Cidade Rodrigo, Salamanca, e outros muitos lugares daquella parte de Castella, que eraõ os termos da Lusitania. Pelo que em ser Colonia de Romanos, e nella estar assentada huma taõ grande Relaçaõ, se mostra ser entaõ Cidade muy nobre, como hoje vemos em Hespanha serem aquellas as mais assignaladas em que as Chancellarias se assentaõ. E da mesma maneira assentaraõ os Reys de Portugal nella a Relaçaõ da Casa do Civel a principio, onde esteve até o tempo delRey D. Joaõ I. o qual a mandou para a Cidade de Lisboa, por lho pedirem nas Cortes que fez em Coimbra no anno de 1385. O nome de Scalabis lhe durou até que os Mouros tomaraõ Hespanha, e elles lho corromperaõ em Cabelicastro, por dize-

dizerem *Scalabis castrum.* Mas os Christãos, ou fossem Mozarabes, que entre os Mouros viviaõ sujeitos, ou os Portuguezes, que a ganharaõ aos Mouros, pelo corpo da Bemaventurada Martyr Santa Irene, vulgarmente chamada Eiria, que no Tejo junto á dita Villa no meyo das ondas tem sua milagrosa sepultura, lhes chamaraõ Santa Irene, e corrompendo-se ou abbreviando-se o vocabulo, se veyo a chamar Santarem. Esta antiga Cidade com ser huma das nobres de Hespanha, assim pela fertilidade de seus campos, que daõ todas as cousas necessarias á vida, que parece outro Egypto com a vizinhança, e inundaçoens do Tejo, como pelo domicilio, que sempre nella os Reys antigos tinhaõ com suas Cortes, e hoje tem muitos nobres, se contenta com o nome de Villa, sem querer ter o de Cidade. Mas no assento, e tratamento, que os Reys lhe fazem nas Cortes, e outros ajuntamentos, precede a muitas Cidades do Reyno: Porque em similhantes actos se assenta no primeiro banco com as quatro Cidades principaes do Reyno, sc. Lisboa, Evora, Coimbra, e o Porto.

26 Tomada a Villa, Hauzeri, Alcaide della, escapou fugindo com tres de cavallo, que comsigo levava, e se foy a toda a pressa a Sevilha. E ao tempo que elle chegava, estava ElRey Mouro na torre, que chamaõ do Ouro, donde via o

campo;

campo, e chegando Hauzeri, vendo elle aquelles quatro de cavallo, com quanto era de longe, veyo-lhe á fantasia, quasi addivinhando-lho o coraçaõ, (como muitas vezes acontece, que se representaõ os males aos ausentes quando lhes toca) e disse aos que com elle estavaõ, que aquelle era Hauzeri, e dizendo elles que era taõ longe que naõ se affirmavaõ nisso, disse ElRey: *Se entre aquelles homens vem Hauzeri, e chegando ao rio derem agoa aos cavallos, Santarem he tomado: e se lhe naõ derem de beber, Santarem he cercado, e Hauzeri vem á pressa pedir soccorro.* Os de cavallo chegando ao porto deraõ agoa de seu vagar, pelo que ElRey se começou de entristecer. E chegando Hauzeri, lhe contou como se tomara a Villa, e do estrago que os Christãos nella fizeraõ: do que ElRey, e os Mouros houveraõ grande pezar, naõ sómente pela perda de Villa, mas pelo risco em que se punhaõ as outras. Como ElRey D. Affonso tomou a Villa de Santarem, pôs nella seu Alcaide, deixando-a abastecida do que cumpria, e tornou a Coimbra, aonde da Rainha, e de toda a Cidade foy recebido com muitas alegrias, e festa, naõ acabando ElRey de dar graças a Deos por taõ felice successo. O qual quando contava á Rainha a maneira com que tomara tamanha fortaleza, sem gente, sem cerco, sem morte, nem sangue dos seus, dizia: *Que*

ja

ja naõ ſe eſpantava derribarem-ſe os muros de Jericó, nem deter Joſué o Sol: porque igual era a qualquer grande milagre tomar elle em eſpaço de huma hora com taõ poucos homens hum lugar taõ nobre, taõ forte, taõ agro, e abaſtecido, ſem ajuda de algum de dentro. Sabendo pois ElRey D. Affonſo quanto a fama, e reputaçaõ de huma grande victoria, havida de freſco, accreſcenta em hum Capitaõ, e em ſua gente, e lhe dá valor para outras muitas victorias, ſe quiz aproveitar do tempo, e ajuntou logo gente para conquiſtar os lugares deſde Santarem até o mar, principalmente Lisboa. E porque lhe pareceo melhor conſelho antes de a cercar, tomar os lugares do redor, para delles ſe valer, e os inimigos terem menos ſoccorro, logo tomou o Caſtello de Mafra, e o deo a D. Fernando Monteiro, que depois foy o primeiro Meſtre da Ordem de Aviz, que houve neſte Reyno. Depois cercou o Caſtello de Cintra, e o tomou o que naõ poderia ſer ſem muita difficuldade, pela altura, e aſpereza do lugar, e a grande multidaõ de pedras ſoltas, que naquelle monte ha, que pacece que choveraõ nelle, com que muy poucos ſe poderiaõ defender de muitos. Neſte tempo: eſtando ElRey naquelle Caſtello, vio pelo mar vir huma groſſa armada de cento e cincoenta vélas, que vinhaõ demandar a terra junto á Rocha de Cintra; pelo que mandou

mandou a ella quatro Cavalleiros a saber que gente era. Elles lhe responderaõ, que eraõ de Alemanha, França, e Inglaterra, e dos Estados de Flandres, e se ajuntaraõ para irem servir a Deos contra Mouros na guerra de ultra mar, e que passavaõ o seu caminho. Entre estes Estrangeiros vinhaõ muitos Senhores de Estado, Condes, e grandes Cavalleiros, e a companhia que traziaõ era de quatorze mil homens: dos quaes vinha por General Guilhelme da Longa espada, e com elle Childe Rolim, D. Liberche, D. Ligel por Capitães principaes, e de grande sangue. Quando El-Rey soube quem eraõ os da frota, e a tençaõ com que vinhaõ, pareceo lhe que Deos os fizera alli apportar naquelle tempo, e por aquelle lugar, para serem em sua ajuda na empresa de tomar Lisboa aos Mouros: pelo que deo muitas graças a Deos, e aos da frota mandou dizer, que cressem, que naõ sem grande mysterio elles alli eraõ vindos: porque a tençaõ que traziaõ, em nenhum tempo, e lugar melhor a podiaõ executar, que na tomada da Cidade de Lisboa, que estava dalli cinco legoas: a qual era das mais principaes de Hespanha, e de que aos Christãos se fazia muita guerra, e muito damno por mar, e por terra. E que além de nisso servirem a Deos, era empresa, em que podiaõ ganhar muita honra: E que o porto da Cidade era grande, e formoso, onde bem podiaõ

podiaõ ancorar suas naos, e outras muitas mais, e serem providos do necessario em abundancia. E que pois taõ perto tinhaõ o que hiaõ buscar ao longe, e com taõ boa opportunidade, naõ deixassem tal occasiaõ: e que elle, como Rey da terra, os ajudaria, como veriaõ. Tantos recados houve de parte a parte, que vieraõ a concertar-se, que todos cercassem a Cidade; e que sendo tomada, ametade fosse delRey, e a outra ametade dos Estrangeiros. Logo ElRey por terra, e os da frota por mar, foraõ pôr cerco a Lisboa. ElRey assentou seu arrayal da parte do Oriente, no lugar onde agora está o Mosteiro de S. Vicente, que ficava affastado hum pouco dos muros velhos, e por isso se chama de fóra; porque o muro, q̃ agora o cerca, e faz ficar dentro, he o novo, que ElRey D. Fernando fez, como em sua Chronica se dirá.

27 Os Capitaens Estrangeiros assentaraõ seu arrayal á parte do Poente, onde agora está a Igreja de nossa Senhora dos Martyres, e o Mosteiro de S. Francisco: O que no tempo de cinco mezes, que no cerco se gastaraõ, passou, naõ se acha especialmente escrito: mas he de crer, que pela Cidade ser taõ populosa, taõ forte de sitio, e cerco, e em que havia tanta gente de armas, e estando todo aquelle tempo sobre ella ElRey D. Affonso Henriques com tantos, e taes Capitaens Portuguezes,

guezes, e Eſtrangeiros, de tanto ſangue, e eſtado, que hiaõ buſcar aventuras por ſervir a Deos, que haveria muitos feitos, muitos ditos, muitos eſtratagemas, eſcaramuças, e combates, e ſe fariaõ grandes proezas, dignas de ſe lembrarem em Hiſtoria; o que tudo por falta de Eſcritores, e de bons engenhos, que o encommendaſſem á poſteridade, ficou ſem memoria, como ſe naõ fora, e os nomes de muitos poſtos em eſquecimento, de que era juſto ficar perpetua lembrança. Morrendo pois nos cõbates de cada parte muita gente, em cada hum dos arrayaes, ſe edificaraõ duas Igrejas para enterrar os mortos. ElRey D. Affonſo mandou edificar a ſua no lugar onde hoje eſtá o dito Moſteiro de S. Vicente, e os Capitaens Eſtrangeiros fundaraõ a ſua onde eſtá noſſa Senhora dos Martyres. E perſeverando o cerco deſde o mez de Junho, em que ſe começou, havendo cada dia ferimentos, e mortes, determinaraõ ElRey, e os Capitaens de darem hum forte combate huma ſeſta feira aos 20. dias de Outubro de 1147. que era dia dos Martyres Criſpim, e Criſpiniano, que foy tal, que a Cidade foy entrada por força, primeiramente pela porta, que hoje ſe chama de Alfama, que era da parte dos Portuguezes, ſendo ás ſeis horas do dia. Depois de entrada, foy a peleja muito mais fera, qual coſtuma ſer onde os cercados naõ eſperaõ ſalvaçaõ, e ſe de-

determinaõ morrer pelejando por aquillo, que os homens mais amaõ, que he Religiaõ, patria, filhos, mulheres, e fazenda; pelo que os mais foraõ mortos á eſpada. O numero dos Mouros mortos naõ o eſcrevem os noſſos Chroniſtas: mas ſe cremos a Nicolao Gile, Hiſtoriador Francez em ſeus Annaes, e a Jacobo Meyero na Hiſtoria de Flandres, e a outros Hiſtoriadores eſtrangeiros, ſe achará que foraõ mais de duzentos mil: pelo que he de crer, que a Cidade foy ſoccorrida depois do cerco, e que a mortandade dos Mouros foy muy grande.

28 Aſſim foy tomada Lisboa, Cidade em que mais bens da natureza, e fortuna concorrem, que em outras muitas do mundo, pela ſalubridade, e temperança dos ares, pela fertilidade, e amenidade dos campos, em que todo o inverno ha flores: pela grandeza do povo, que agora he a mayor de toda a Chriſtandade: pela mageſtade dos edificios, pela formoſura, e commodidade do porto, capaciſſimo, e ſeguro; pelo commercio, e trato das mercadorias do Oriente, e Occidente, e de todas as partes do mundo; pela riqueza dos Cidadãos, pela frequencia de tantas naçoens, que a ella concorrem, que parece hum mundo abbreviado, e patria commum; pelos deſcobrimentos, conquiſtas, e triumphos de tantas Provincias, que a eſta bemaventurada Cidade ſe

ſe devem, a que o Indo, e o Ganges cada anno ſervem com ſeus tributos, e pareas, como a ſenhora do Oriente. Finalmente pelo que mais importa, que he o culto da Religiaõ, e devoçaõ de ſeus Cidadaõs, em que excede a todas as Cidades da Europa. Eſta Cidade, para lhe naõ faltar couſa alguma para ſer nobiliſſima, he muito mais antiga que a meſma Roma: porque ſegundo todos os Geographos Gregos, e Latinos, foy edificada por Ulyſſes, e ſeus companheiros. Dos Romanos foy chamada, *Felicitas Julia*: o que ſeria (ſegundo parece) por nella acontecer a Julio Ceſar algum bom ſucceſſo no tempo que em Heſpanha andou: e era municipio do povo Romano, que era naõ terem ſeus Cidadãos nenhuma differança dos Cidadaõs Romanos. De ſua nobreza, e grandeza ja naquelle tempo póde ſer teſtimunha o que conta Plinio, que mandaraõ os Cidadaõs de Lisboa Embaixadores a Roma ao Imperador Tyberio Ceſar, dando-lhe conta de hum monſtro marinho, que foy viſto junto da Cidade em huma lapa, tangendo hum buzio, daquella figura, e forma que ſe pinta o Deos Triton: E ſegundo Paulo Oroſio, e outros, no tempo do Imperador Honorio, era taõ principal, e aſſignalada, que vindo ſobre ella os Vandalos, e Suevos, e tendo-a cercada, ſe defenderaõ os Lisbonenſes, que naõ pode ter entrada delles naquelle

quelle tempo. Eſta tomada de Lisboa foy a terceira depois da deſtruiçaõ de Heſpanha, por ElRey D. Affonſo Henriques: porque a primeira vez, ſe cremos a Platina na vida do Papa Leaõ III. foy tomada por ElRey D. Affonſo o Caſto de Leaõ com ajuda de Carlos Magno: o meſmo tem Jacobo Meyero na Hiſtoria de Flandres, do que os Chroniſtas Heſpanhoes naõ fazem mençaõ: o que podia ſer, porque a tornariaõ logo a cobrar os Mouros. A ſegunda vez a tomou ElRey D. Affonſo o Sexto, chamado Imperador, com ajuda de ſeu genro o Conde D. Henrique pay delRey D. Affonſo Henriques no anno de 1093. ſegundo huma Chronica antiga de Alcobaça, que refere Joaõ Vaſco. Mas parece que quiz Deos, que a honra de ſe tomar, e ſe conſervar, foſſe delRey D. Affonſo Henriques.

CAPI-

CAPITULO. VI.

Trata do que ElRey fez depois de tomada Lisboa, e do Cavalheyro Henriques, e de outros mais.

29 TAnto que Lisboa ſe tomou, ElRey com todos os Chriſtãos com ſolemne, e devota prociſſaõ, foy á meſquita mayor, que agora ſe chama Baſilica de Santa Maria, e depois de mundificada dos ſacrificios, que nella ſe faziaõ a Mafamede, os Biſpos, e Sacerdotes reveſtidos entraraõ nella cantando o Cantico *Te Deum laudamus*. E depois de conſagrada, e dedicada á Virgem Santa Maria noſſa Senhora, ſe celebraraõ nella os Officios Divinos, e ſe diſſe Miſſa ſolemne, e ſe nomeou por Sé Cathedral, como ja fora naquella Cidade no tempo dos Godos, cujos Biſpos foraõ ſuffraganeos á Sé Metropolitana de Merida, e depois á de Braga, e naõ á de Sevilha (como alguns cuidaraõ) até o tempo delRey D. Ioaõ o I. em que de Igreja Cathedral foy feita Metropolitana, e Arcebiſpado, a que deraõ por ſuffraganeos os Biſpados de Evora, Sylves, e da Guarda, de que ſe exemptou Evora, que foy feita Arcebiſpado em tempo delRey D. Ioaõ o III. e Sylves, que ſe paſſou a Evora, em cujo lugar ſe lhe ſubſtituiraõ os novos Biſpados de

de Portalegre, Elvas, Leiria, e Ilhas, e do Braſil. E logo ElRey mandou chamar a Guilhelme da Longa eſpada, Childe Rolim, D. Liberche, e D. Ligel, e aos outros Grandes, e Capitaens, e depois de lhes dar muitas graças ao General Guilhelme da Longa eſpada, e a ſeus companheiros pelo grande ſerviço, que a Deos, e a elle tinhaõ feito, e louvar-lhes as grandes proezas, e esforço, que naquella empreza moſtraraõ, lhes diſſe, que elle eſtava prompto para partir com elles a Cidade, e o mais que nella, e fóra della ſe tomou, aſſim como ſe concertaraõ: e que nomeaſſem elles alguns Cavalleiros, e que elle daria outros para fazerem a partilha. Os Capitaens, vendo quam liberalmente ElRey lhes fazia aquella offerta, louvaraõ-lho muito, e diſſeraõ que haveriaõ ſeu conſelho, e lhe reſponderiaõ. E conſultando entre ſi, acordaraõ, que pois elles ſahiraõ de ſuas terras com propoſito de ſervir a Deos, e naõ para adquirirem riquezas, que as naõ acceitaſſem, e muito menos a juriſdiçaõ da Cidade, que naõ era bem que a tiveſſem partida com ElRey em ſua terra.

30 Entre os Eſtrangeiros, que na tomada de Lisboa ſe acharaõ, foy hum Alemaõ por nome Henrique, homem de bons, e ſantos coſtumes, natural de Bona-Villa, quatro legoas de Colonia pelo rio Rheno acima, o qual morrendo naquelle grande

combate, em que a Cidade ſe tomou, foy enterrado na Igreja de S. Vicente, em que ſe enterravaõ os Portuguezes, que morriaõ nos combates, ſem embargo de ſer Alemaõ, cujos companheiros ſe enterravaõ em Noſſa Senhora dos Martyres, por cauſa que naõ ſabemos, pelo qual ſe viraõ fazer muitos, e evidentes milagres, de que hum foy, que vindo naquella frota dos Eſtrangeiros dous homens ſurdos, e mudos de naſcença, que bem conheciaõ aquelle Cavalleiro Henrique, vieraõ com grande devoçaõ hum dia á ſua ſepultura, e ſe deitaraõ junto a elle, pedindo-lhe com grande devoçaõ, que pelos ſeus merecimentos lhes impetraſſe de Deos miſericordia para aquella ſua enfermidade. E fazendo-o aſſim adormeceraõ ambos, e em ſonhos lhes appareceo o Cavalleiro Henrique, veſtido em traje de Romeiro, trazendo na maõ hum bordaõ de palma, inſignia dos que foraõ a Ieruſalem, e acabaraõ ſua romagem, e fallou áquelles mancebos mudos, e lhes diſſe: *Folgay, e havey prazer, e fallay, e ouvi, que pelos merecimentos dos Martyres, que aqui jazemos, ganhaſtes a graça do Senhor, que he comvoſco.* E dito iſto deſappareceo. Elles acordaraõ achando-ſe ſaõs de todo, ouvindo, e fallando milagroſamente, e começaraõ a contar o que lhes acontecera com o Santo. Dahi a poucos dias que iſto aconteceo, veyo a morrer hum eſcudeiro
deſte

deſte Cavalleiro Henrique, de feridas, que houvera na entrada da Cidade, e enterrarão-no no meyo da Igreja longe donde jazia ſeu ſenhor. E ſendo de noite appareceo ò Cavalleiro Henrique a hum homem muito velho, que ſervia aquella Igreja, chamado Henrique como elle, e diſſe-lhe: *Levanta-te, e vay ao lugar, onde enterrarão aquelle meu eſcudeiro, toma ſeu còrpo, e vem aqui enterrallo junto commigo: porque quem me ſeguio, e foy meu companheiro na morte, o ſeja tambem ná ſepultura*: do que o velho naõ fez caſo; e vindo-lhe outro tal apparecimento e admoeſtaçaõ, taõ pouco cuidou diſſo, como da primeira. Entaõ lhe appareceo o Cavalleiro Henrique terceira vez, com ſemblante irado, e queixoſo, ameaçando-o com palavras de grande medo, ſe logo naõ cumpriſſe o que tantas vezes lhe mandara. Pelo que o velho cheyo de temor, ſe levantou logo aquella noite, e foy com candea á ſepultura onde jazia o eſcudeiro, e o deſenterrou, e o trouxe para o ſenhor, e lhe fez huma cova junto ao Cavalleiro, onde o enterrou, E logo no dia ſeguinte ſe achou o velho taõ deſcanſado do trabalho, que paſſara, como ſe ſe houvera deitado na cama, ſem fazer couſa alguma; e contando-o aſſim pela manháa, todos davaõ graças a Deos. E querendo ainda noſſo Senhor moſtrar mais quanto lhe agradara o ſerviço deſte Cavalleiro, appareceo á

sua cabeceira huma palma similhante á-quellas que trazem os romeiros de Ierusalem em suas mãos; a qual começou de enverdecer, e lançar folhas, e crescer sobre a terra em sua justa altura. ElRey, e os mais que viraõ tamanho milagre, louvavaõ a Deos; e quantos enfermos ahi vinhaõ tomar daquella palma, e a deitavaõ ao pescoço, logo eraõ saõs de qualquer enfermidade. E outros a tomavaõ, e a tostavaõ, e depois de moida bebiaõ della aquelle pô, e da mesma maneira saravaõ logo. E tanta foy a continuaçaõ em virem tomar daquella palma, que em pouco tempo naõ ficou della mais que hum cacho, que ainda hoje se conserva para memoria no Mosteiro de S. Vicente. Por estes milagres, que nosso Senhor fazia pelos Martyres que alli morreraõ, tinha ElRey nelles taõ grande devoçaõ, que cada vez que se sentia com alguma má disposiçaõ, se punha em oraçaõ sobre seus jazigos, e logo era remediado. O seu jazigo he hoje na Igreja do dito Mosteiro em o Altar de Santo Antonio, que fica da parte da Epistola em a nave do Evangello com hum letreiro que diz: *Ossos do Cavalleiro Henrique, Alemaõ, que morreo ajudando a tomar esta Cidade aos Mouros, em cuja sepultura nasceo huma palma, que deo hum cacho, da palma se valeraõ muitos enfermos, e saravaõ, o qual está no Santuario deste Mosteiro.*

31 An-

31 Antes que os Capitaens da frota partissem, que delRey foraõ muito bem agasalhados, e providos de tudo, o que para sua viagem lhes cumpria, lhes mandou muitos presentes ricos, e dadivas, conforme a suas pessoas de que elles foraõ muy contentes, e juntamente lhes offereceo, que se alguns quisessem ficar no Reino (do que elle levaria grande gosto, por ter comsigo taõ nobres, e esforçados Cavalleiros) lhes daria terras em que vivessem exemptamente, e ás suas vontades. E aos que quiseraõ ficar, deo as terras, que lhes contentaraõ, que foraõ as Villas, que hora saõ de Almada, Villa França, a que os Ingreses, a que coube, chamavaõ Cornovalha, e depois corromperraõ em Cornaga, em memoria da sua Provincia: a qual Villa hoje he Villa França, Villa Verde, a Azambuja, a Arruda, a Lourinhaã, por se contentarem dellas, e outras, que povoaraõ: e a algumas puseraõ os nomes de sua terra: cujos descendentes receberaõ dos Reys deste Reino muitos favores, e mercès, como filhos de homens taõ benemeritos, dos quaes hoje ha ainda algumas familias nobres muy conhecidas, como adiante diremos. E os que naõ quiseraõ ficar, se foraõ muy contentes, e satisfeitos da nobreza, e liberalidade delRey, e de seu grande animo. E naõ sómente a estes que ficaraõ deo favores, e privilegios, mas a todos, que a

este

este Reino vieſſem, e nelle moraſſem, das ditas Provincias, debayxo do nome de Alemães, lhes deo grandes privilegios, e exempçoens em ſuas peſſoas, e mercadorias, que os Reys confirmaraõ, e guardaraõ até o dia de hoje.

32 E porque he juſto, que por cauſa taõ aſſignalada, como foy a tomada de Lisboa, Cidade taõ principal entre as mayores, e melhores do mundo, ſe reconheça o beneficio, que recebeo dos Cavalleiros Eſtrangeiros, que a ajudaraõ a ganhar, e naõ ſe eſqueçaõ ſuas memorias, como ſe eſqueceraõ muitos outros feitos, pela rudeza daquelles tempos, daremos a noticia, que pudemos alcançar de alguns Capitaens daquella frota, collegida das hiſtorias de outras naçoens. Primeiramente o General daquella frota, que foy Guilhelme da Longa eſpada, homem mancebo de florecente idade, era filho de Gaifredo Conde de Anjou, e de Mathilde, Imperatriz que fora de Alemanha, mulher do Imperador Henrique o V. e filha unica herdeira de Henrique o I. Rey de Inglaterra. A qual por ficar viuva, ſendo ainda muy moça, e ſem filhos, por morte do Imperador Henrique, ElRey ſeu pay, que tambem naõ tinha outro filho, a caſou ſegunda vez com o dito Conde Gaifredo, em quem Folco ſeu pay, ſendo viuvo, renunciou o Eſtado de Anjou, por elle ſe paſſar á Syria a caſar com Meliſenda filha

her-

herdeira de Balduino II. do nome, Rey de Jeruſalem, por cuja morte o dito Folco foy eleito Rey, e depois delle ſucceſſivamente dous filhos ſeus, que houve de Meliſenda, ſc. Balduino III. e Almerico, que tambem foraõ Reys da meſma Santa Cidade. Deſte Gaifredo pario Mathilde tres filhos, ſc. Henrique, que foy Duque do Normandia, e depois Rey de Inglaterra II. do nome, aquelle, por cujo mandado foy morto Santo Thomaz Arcebiſpo de Cantuaria: O ſegundo filho foy eſte Guilhelme da Longa eſpada: O terceiro, Gaifredo, que chamavaõ Plantagineſta, que caſou com a filha herdeira do Conde de Bretanha. Pelo que querendo Guilhelme da Longa eſpada imitar a ElRey Folco ſeu avô, que gaſtara a flor de ſua idade na Conquiſta da Terra Santa, com aquella grande armada, e muitos ſenhores, e homens nobres, de que hia por Capitaõ General, emprendeo, ſendo ainda muy mancebo, aquella viagem a Jeruſalem, de que entaõ era Rey Balduino o III. ſeu tio, filho de Folco, e irmaõ de ſeu pay o Conde Gaifredo. Finalmente Guilhelme da Longa eſpada era filho daquella Imperatriz Mathilde, filha delRey de Inglaterra, deſcendente dos Duques de Normandia. Eſta he aquella Mathilde, de que Antonio Beuther, e outros Eſcritores Catalaens contaõ huma errada hiſtoria, que aqui emendaremos

por

por honra de seu filho Guilhelme da Longa espada, taõ benemerito de Portugal. E he, que accusando-a o Imperador seu marido de adulterio, por falsa denunciaçaõ de dous Cavalleiros, estando em perigo de ser queimada, se naõ fosse defendida por armas dentro de hum anno, e hum dia, naõ havendo quem por ella sahisse, D. Arnaldo Berenguer Conde de Barcelona foy desconhecido a Alemanha, e por armas venceo ao accusador, e a livrou, e se tornou logo, sem se dar a conhecer mais que á Imperatriz com juramento, que ella o naõ descobrisse dahi a tres dias, e que buscando-o o Imperador, ficou sentido pelo naõ achar, para o agazalhar, e lhe agradecer o que fizera por sua honra: e que a Imperatriz dissera ao Imperador dahi a tres dias quem era aquelle Cavalleiro; e que o Imperador naõ o achando, mandou a Imperatriz sua mulher a Barcelona com muitas gentes em busca do Conde, para o levar comsigo a Alemanha, e lá receber muitas honras do Imperador: e assim contaõ outras taes patranhas, que naõ tem feiçaõ; porque esta Imperatriz era filha delRey de Inglaterra, e tinha hum irmaõ natural por nome Roberto, o homem mais celebrado pelas armas, que havia entre os Principes daquelle tempo; o qual naõ deixaria de tomar armas por defensa da honra de sua irmaã, se tal lhe acontecera, como as tomou por

ella,

ella, para lhe cobrar o Ducado de Normandia, e depois o Reyno de Inglaterra de Stephano Conde de Bles, seu irmaõ, que lho trazia usurpado. Nem os Cavalleiros Inglezes daquelle tempo eraõ taes, que esperassem que fosse o Conde de Barcelona a defender-lhe por armas sua Princeza. O caso da Imperatriz accusada por adulterio, que ouviraõ, aconteceo muitos annos antes desta Imperatriz, e entre outras pessoas, e foy desta maneira: Sendo o Imperador Henrique, III. que foy do nome, filho do Imperador Conrado, casado com Mathildes filha tambem delRey de Inglaterra, muy formosa, e havendo algũ tempo que viviaõ ambos, foy accusada ante seu marido por hum Cavalleiro de sua casa, dizendo que ella lhe commettia adulterio: pelo que foy presa, e esteve em perigo de morrer, por ninguem sahir a defender a sua honra por medo do Imperador. Pelo que hum seu pagem, que ella trouxera muy moço de Inglaterra, sahio a pelejar em sua defensa contra o accusador, que era hum homem muy esforçado, e que na estatura parecia hum Gigante. E vindo com elle a campo, o Inglez lhe jarretou huma perna, e o rendeo, e livrou sua senhora daquella infamia; a qual ficando muy affrontada, e escandalizada pelo credito, que seu marido dera áquelle falso homem contra ella, se quiz desquitar delle, e sem a moverem seus affagos,

afagos, nem ameaços para tornar a fazer com elle vida como antes, se metteo em hum Mosteiro de Religiosas, aonde em breve tempo morreo. Este he o fundamento daquella fabula de Raimon Arnaldo Berenguer, que defendeo a Imperatriz, e da origem do dito da Mesa Barcelonesa, que diziaõ queria dizer: *Mesa esplendida, e abastada*, a que dizem dar causa as grandes festas, e banquetes, que se deraõ em Barcelona á Imperatriz, e a seus Cortesaõs, sendo muito pelo contrario: porque aquelle adagio nasceo da parcimonia, e natural escaceza dos Catalaens, pelos quaes se diz outro proverbio: *O Catalaõ bem come se lho daõ.* Desta maneira de attribuirem o que aconteceo a humas pessoas a outras, e o que aconteceo em hum tempo attribuillo a outro, e da similhança dos acontecimentos de que se naõ tem inteira noticia, nasceraõ as erradas, e falsas historias, que andaõ pelo mundo, como foraõ as que ouvistes delRey D. Affonso Henriques, e de sua mãy.

33 Entre os Cavalleiros, que acompanhavaõ este Principe Francez, Capitaõ General daquella armada, onde tãta nobreza vinha de varias Provincias para servir a Deos á sua custa, a principal pessoa em linhagem, e authoridade era Childe Rolim: Donde este Fidalgo fosse naõ ficou memoria dos antigos, mas por informações certas de quem o inquirio nestes tempos

nos

nos Eſtados de Flandres, conſta ſer do Condado de Henao, Provincia dos meſmos Eſtados, onde aquella familia hoje floreçe com ſeu appellido de Rolim, em que ha ſenhores de terras: de que ſabemos vir no anno de 1542. ao ſoccorro de Lovaina (cercada de Francezes) Jorge Rolim ſenhor de Ammeria, por Commandante da Cavallaria por mandado da Rainha Maria, Regente de Flandres, como conta Damiaõ de Goes Chroniſta deſte Reyno, que ſe achou no dito cerco, e delle eſcreveo hum tratado Deſte Capitaõ Childe Rolim procedem os Rolins deſte Reyno, os quaes promiſcuamente ſe chamaõ tambem de Moura: Huns dizem que por hum dos daquella familia ajudar a tomar a Villa de Moura: (porque ella na verdade naõ ſe tomou no tempo delRey D. Affonſo VI. de Caſtella, como erradamente diſſe Ambroſio de Morales na terceira parte da ſua Chronica, mas no delRey D. Affonſo Henriques ſeu neto, como adiante ſe dirá) mas mais veriſimil he, que por alguns Rolins, que ſabemos haverem ſido ſenhores da dita Villa de Moura, de que ainda ſeus deſcendentes tem na vizinhança della a Villa do Marmelal, tomariaõ eſſe appellido, como de ſolar ganhado por elles: mas ainda que alguns ſe chamaraõ Mouras, ſempre os deſcendentes delles ſe nomearaõ Rolins, como foy D. Rolim, o velho, pay de D. Joaõ de

Moura

Moura trezavô de D. Christovaõ de Moura Marquez de Castello Rodrigo, e Vice-Rey de Portugal.

34 A razaõ de naõ trazerem os Rolins as insignias de seus mayores de Henao, e as deixarem pelas que ganharaõ em Portugal, commũas aos que se chamaõ de Moura, segundo a tradiçaõ dos antigos daquella Casa, he, que ElRey D. Affonso Conde de Bolonha, que acabou de cobrar dos Mouros o Reyno do Algarve, por algum serviço, que naquella empresa lhe fez algum daquella familia, o honrou com lhe dar parte de suas armas Reaes daquelle Reyno, que saõ hum Escudo semeado de Castellos de ouro em campo vermelho, de que lhe deo sette Castellos, como muitas vezes fizeraõ outros Reys por similhantes casos neste Reyno, e em outros.

35 Da qualidade de Childe Rolim, e delle ser o principal dos Fidalgos Estrangeiros, que neste Reyno ficaraõ, se mostra tambem que dando ElRey D. Affonso Henriques cada huma das povoaçoens acima ditas para muitos dos Estrangeiros, ao Rolim sômente, e para os que delle descendessem, deo a Azambuja: de que se causou ficar hoje em dia na sua descendencia perpetuado o nome dos Rolins.

36 Entre aquelles Fidalgos da Armada, os que eraõ Inglezes se contentaraõ do sitio de Almada, que ElRey lhes deo, a que

que elles puzeraõ o nome na ſua lingua, *Vimadel*, que quer dizer: Couſa que fizeraõ muitos, que ſe deo a muitos, e por muitos ſe edificou, e povoou: o qual nome com o tempo ſe veyo a corromper em Almada. Deſtes ſe crê que eraõ os Fidalgos, que eſpecialmente ſe appellidaraõ de Almada: e aſſim parece que os daquella Familia, com alguma lembrança de ſeus paſſados ſerem Inglezes, quando ſahiraõ do Reyno a buſcar honra pelas armas, ſempre ſe inclinaraõ mais ao Reyno de Inglaterra, como patria originaria, como Joaõ Vaz de Almada, que fez grandes proezas pelas armas em Inglaterra, pelo que ganhou muita honra, e a Ordem de Garrotea; e D. Alvaro Vaz de Almada ſeu filho, que depois de muitas façanhas honroſás, que fez em Inglaterra, ganhou a meſma Ordem, além de outros muitos titulos, e honras, que ganhou em França, onde foy feito Conde, e em Heſpanha, em Africa, e em Italia com o Imperador Sigiſmundo.

37 Foy tambem dos que ficaraõ hum Fidalgo muy nobre Francez, que chamavaõ Guilhelme de Corni, a quem ElRey fez doaçaõ da Villa de Atouguia, de que houve Fidalgos ſeus deſcendentes muy principaes neſte Reyno, e na Ilha da Madeira, que ſe foraõ extinguindo. E D. Ligel Fidalgo de Flandres, a quem, acabada de ganhar Lisboa, deo ElRey a Al-
caidaria

caidaria mor do Castello della, que naquelles tempos era cousa de muita confiança: o que pareceo mais honra, por elle ser Estrangeiro. Este Cavalleiro foy muy esforçado, e hum dos companheiros de Gonçalo Mendez de Amaya, o Lidador, quando pelejou com Alboleimar, e Haliboacem. Assim tambem ficaraõ outros muitos, cujas pessoas, e descendencias por antiguidade do tempo, e falta de homens, que puzessem suas cousas em lembrança, ficaraõ esquecidas, como pudera acontecer os mais illustres Gregos, e Romanos, que no mundo houve, se naõ houvera quem com suas letras, e memorias os illustrara.

ANNO 1148

38 Tomada Lisboa no anno de 1148, proseguindo ElRey a guerra seis annos cõtinuos, tomou aos Mouros as Villas de Torres Vedras, Obidos, Alemquer, e outros muitos lugares da Estremadura: No mesmo tempo diz a Historia antiga que tomou ElRey Evora, Beja, Moura, e Serpa, mas isto he contra outras mais certas memorias; porque esses lugares se tomàraõ em outro tempo, sem ElRey se achar presente á tomada de Evora, e Beja, como adiante se dirá.

CAPI-

CAPITULO VII.

Trata da tomada das Cidades de Beja, e Evora, e suas antiguidades, e da reformaçaõ dos Eremitas de Santo Agostinho.

39 NEste meyo tempo correndo o anno de 1160. se reformou a Ordem dos Frades Eremitas de Santo Agostinho, q̃ pelo decurso do tempo veyo a relaxar-se da antiga observancia, em que o Santo a deixou: e reformada se passou do Ermo, em que foy instituida, ás Cidades, e povoado, onde se começaraõ a fundar Mosteiros, e serem os Religosos Eremitas sómente no nome. A causa desta reformaçaõ foy a conversaõ de Guilhelme Duque de Aquitania, o qual deixando o mundo, e renunciando seu Estado, começou a ser taõ grande Santo, como antes era dissoluto peccador, e de cuja perdiçaõ se podia temer. S. Bernardo, que naquelle tempo florecia, doendo-se de o ver ir atraz da sua perdiçaõ, trabalhou pelo reduzir a caminho, em que se salvasse: e tanto fez, que o Duque deixou a má vida, que tinha, e o Ducado de Aquitania, e o Condado de Pictavia, e se passou ao Ermo, onde muitos annos fez aspera penitencia dos erros passados, em companhia de alguns Eremitas Santos, e

ANNO 1160

Reli-

Religiosos da Ordem de Santo Agostinho, que ainda naquelle tempo havia por alguns lugares ermos. E vendo este Santo pelo decurso do tempo, que de habitarem os Religiosos no Ermo havia muitos inconvenientes contra a primeira Instituiçaõ, e Ordem, edificou hum Mosteiro dentro da Cidade de Pariz, e fez fundar outros em diversas Cidades, para os Religiosos, deixado o Ermo, viverem em povoado, onde com sua exemplar vida, e doutrina aproveitassem ao povo Christaõ. A estes Religiosos Eremitas da Ordem de Santo Agostinho, chamavaõ naquelle tempo Guilhelmitas, por ser S. Guilhelme o que a reformou, e trouxe a povoado, até o tempo de Innocencio III. que approvando a reformaçaõ, naõ contentio no nome, e mandou que dahi em diante, deixando o nome de Guilhelmitas, se chamassem Eremitas de Santo Agostinho, por Santo Agostinho instituir a mesma Ordẽ, e haver sido Religioso della. Da origem desta Ordem, e progresso della, e das Ordens, que debaixo della militaõ, e os Varoẽs illustres, que nella houve, se verá mais largo pela Chronica, que della escreveo Fr. Jeronymo Romano, Religioso da mesma Ordem.

ANNO 1162.

40 No anno de 1162. dia de S. André á noite, hum Cavalleiro honrado, por nome Fernaõ Gonçalves, e alguns homens peaõs, com grande ousadia tomaraõ aos

Mouros

Mouros a Cidade de Beja, ſendo o povo grande, e bem guarnecido de gente, com ardîz, que tiveraõ: mas o modo, porque ſe tomou, naõ ficou em lembrança, para ſe poder eſcrever, como ſe deixaraõ muitas couſas notaveis, que aconteceraõ naquelles rudes tempos de homens barbaros, e de que os melhores ſe prezavaõ ſerem deſcendentes de Godos, gente inimiga de todas as boas artes, e diſciplinas, e arruinadora das letras, e policia, que em Heſpanha tinhaõ plantado os Romanos: Pelo que naõ ha mais teſtimunho deſta façanha, que duas regras em barbaro Latim, que na Baſilica de Santa Maria ſe lem hoje.

41 Dahi a quatro annos correndo o do Senhor de 1166. ſe tomou a Cidade de Evora outra noite, por outro ardil, e eſtratagema, ſem ElRey a iſſo ſe achar preſente, ſegundo as memorias antigas, que André de Reſende noſſo Cidadaõ collegio em hum Tratado ſeu, que nós ſeguimos, por naõ termos mais noticia, que a que os noſſos Cidadaõs tem por tradiçaõ dos antigos. O Cavalleiro, por cujo esforço, e audacia ſe acabou taõ grande proeza, foy hum homem nobre, por nome Giraldo Sem-pavor, dotado de muitas forças de animo, e de corpo, pelo que ganhou o nome de Sem-pavor. Donde foſſe natural naõ ſe deixou em memoria. Tãbem naõ ſabemos a razaõ, porque vivia

ANNO 1166

 enre

entre Mouros: mas segundo o mesmo André de Resende conjectura, a causa seria por homizio de algum delicto (para que então naquelles tempos dos Mouros havia mais occasião) e que com licença delRey Ismar, cujo era o senhorio de Alentejo, viviria entre elles. Este Cavalleiro fazia sua habitação em hum pequeno Castello, que ainda se chama Castello Giraldo, de que hoje ha paredes, e vestigios na Serra de Monte Muro, huma legoa da Cidade de Evora, passado hum pequeno rio chamado de Moinhos: a este homem se ajuntarão alguns Cavalleiros mais, que lhe fazião companhia; os quaes parece se sustentavão de fazer alguns assaltos aos Christãos: porque vivendo entre Mouros, e tão poderosos, não he de crer que ousassem a fazer-lhes damno. E andando El-Rey D. Affonso Henriques no Alentejo, este Cavalleiro Giraldo, ou por alcançar delle perdão, ou receando de lhe cahir nas mãos, determinou reconciliar-se com elle por meyo de algum serviço; e a melhor via que lhe occorreo, foy tomar Evora por algum ardil, com que se evitassem mortes, e derramamentos de sangue, que se não escusavão, sendo accomettida por armas. Para este effeito se informou das cousas da Cidade, e entradas, e sahidas, que os Mouros fazião. E vendo que á Cidade, por estar edificada em lugar eminente, ainda que em si plano, de

de nenhuma parte se lhe podia pôr cilada, que naõ vissem, excepto o outeiro, que está detrás do Mosteiro de S. Bento das Freiras, meya legoa da Cidade, em que se poderiaõ esconder, e se edificara ahi huma torre, que ainda está inteira, onde perpetuamente os Mouros tinhaõ huma atalaya, que a outra torre da Cidade fazia sinaes: pelo que a primeira cousa, que Giraldo tentou, foy tomar esta atalaya, em que estava hum pay com huma filha moça; e com os seus Cavalleiros mùy secreto se foy lançar detras do outeiro, aos quaes mandou estivessem quedos até elle tornar, ou lhes fazer final. E como homem, que era sem pavor assim no que obrava, como no nome, se foy só contra a torre: e porque nella naõ havia escada, pois de cima se lançava a quem subia, levou algumas estacas para metter pelos buracos, e por ellas subir; e para naõ poder ser visto, cubrio-se todo de rama verde. E sendo meya noite chegou á torre, e quiz Deos que naquelle tempo o Mouro, cansado de velar, dormia; tendo encommendada a véla á filha; a qual, como moça, dormia encostada sobre a janella. Giraldo vendo taõ boa occasiaõ, despido da rama, trepou, e lançou maõ á moça, e deo com ella em baixo, de maneira, que nunca mais fallou; e entrando cortou a cabeça ao Mouro, que achou dormindo: e querendo tornar aos

companheiros, cortou tambem a cabeça da moça, e nas mãos as levou ambas; e depois de lhes contar o que passára, os animou para o mais, e todos tornaraõ á torre, e sendo ainda muito de madrugada, subio Giraldo a ella, e fez hum fogo á outra atalaya da Cidade, dando a entender, que pela parte aonde agora está o Mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, da Ordem de S. Jeronymo, passavaõ Christãos; e mandou alguns dos seus que passassem por lá, e fizessem huma trilha pequena, & de maneira, que fossem sentidos: A atalaya appellidou logo, e deo sinal de haver inimigos. Os da Cidade sabendo pelas escutas, e vendo que a trilha era de poucos, atreveraõ-se a seguillos, e sahiraõ de pressa, e sem ordem, ficando as portas abertas: E vendo-os ja algum tanto affastados da Cidade, Giraldo deo sobre ella, e por ser ainda de noite, e a gente andar alvoroçada, as vélas, & porteiros os naõ reconheceraõ por inimigos, até que com seu damno o experimentaraõ. E tomando as portas, e deixando-as a bom recado, começaraõ a matar á espapa os que achavaõ; porque huns tinhaõ sahido fóra, e outros dormiaõ. Foy a Cidade entrada taõ de repente, e por tal ordem, que quando os sinaes, e alaridos das atalayas se sentiraõ, os Christãos se tinhaõ apoderado della. Os que estavaõ fóra, ouvindo o repique, e sinal, deixaraõ

raõ de ſeguir os da trilha, e tornando á Cidade, foraõ maltratados dos que os eſtavaõ eſperando ás portas: e porfiando para entrarem, foraõ tomados no meyo dos da trilha, que tornaraõ ſobre elles, e os começaraõ a ferir nas eſpaldas; e como ainda fazia eſcuro, e o medo faz parecer tudo mais do que he, cuidando que os Chriſtãos eraõ muitos, lançaraõ a fugir. A Cidade foy ſaqueada, e aos que ainda eſtavaõ encerrados permittio-lhes Giraldo que ſe ſahiſſem com ſeus corpos, e veſtidos ſómente. Alguns ſe deixaraõ ficar entregues á clemencia dos vencedores, que na Cidade duraraõ por ſua deſcendencia perto de quatrocentos annos, até que ElRey D. Manoel os lançou do Reyno. E logo Giraldo mandou recado a ElRey D. Affonſo Henriques, como a Cidade era tomada, e que mandaſſe pôr cobro nella, e lhe quizeſſe perdoar a elle, e aos que com elle andavaõ. ElRey ficou muy contente com taõ boa nova, e agradeceo muito a Giraldo o ſerviço que fizera, e naõ quiz que outrem guardaſſe a Cidade, ſenaõ elle, pois a ganhara; e Giraldo Sem-pavor foy o primeiro Capitaõ della. E por eſte beneficio, que a Cidade delle recebeo, de a tirar do poder dos Mouros, e por taõ notavel ardil, as inſignias, e diviſa, que tomou, he hum homem a cavallo armado com a eſpada levantada, com duas cabeças, huma de homem, e outra de

de mulher moça, pelas que cortou das atalayas. Este Cavalleiro cuidaõ alguns que he Sertorio: outros contaõ de Evor, e Evorinho outros contos, que saõ meras fabulas. Esta he a tomada de Evora, Cidade nobre, e antiquissima, e que no tempo de Viriato ja era grande povo, porque elle se levantou com a Lusitania no Consulado de Cneo Cornelio Lentulo, e Lucio Mummio, que foraõ 140. annos antes de Christo nosso Redemptor tomar carne. Esta Cidade se chamou por outro nome *Liberalitas Julia*, segundo Plinio refere; o que seria, segundo André de Resende no livro da antiguidade de Evora, pelo beneficio que ella recebeo de ser Municipio do juro de Latio, de tres que havia na Lusitania, que era serem como Cidadaõs de Roma, e se contavaõ entre as Tribus Romanas, e podiaõ em Roma pedir os Magistrados, e ser nella eleitos, posto que naõ pudessem votar, e na guerra podiaõ militar entre as Legioẽs, e Cohortes Romanas, e ter todos os Cargos. Tambem se mostra a nobreza desta Cidade que no tempo de Christãos o primeiro Bispo que teve, e a ella veyo prégar, foy, por mandado dos Apostolos, S. Manços, Discipulo de Christo, e que nella foy martyrizado. E em tempo de Constantino Magno era Bispado, como se vê do Concilio Iliberitano, que se fez no anno de Christo de 338. onde se achou Quintiano Bis-

po

po de Evora, como ſe vê em muitos Concilios antigos, de que faz mençaõ Ambroſio de Morales na ſua ſegunda parte da Chronica de Heſpanha. Eſta Cidade he a que Sertorio antigamente frequentava, e onde tinha ſua habitaçaõ, e domicilio; por eſtar no meyo da Luſitania, donde a podia ſenhorear, e mais facilmente governar; e elle a ornou de edificios, e do nobre aqueducto da agoa da prata, e portico dos açougues, antiguidade que hoje em dia dura; pelas quaes razoens, e por ſer de nobiliſſimos edificios, e abundante de todos os fructos mais ſaboroſos de toda a Heſpanha, foy ſempre tambem em noſſos tempos domicilio dos Reys, e Principes deſte Reyno: a qual naõ ſómente participa das graças da terra, mas ainda do Ceo, por nella haver ſempre homens de grande valor em armas, e letras, e governo da Republica; o que agora ſerá mais com a Univerſidade, e celebre Collegio, que ElRey D. Henrique nella fundou, e entregou aos Padres da Companhia de Jéſus, em que naõ ſómente ſe enſinaõ as letras Divinas, e humanas, mas virtudes, e exemplo de vida.

42 Como ElRey nenhuma couſa trazia diante dos olhos tanto, como eſtender a Religiaõ, e eſſe era o principal fim de ſuas Conquiſtas, e trabalhos; tanto que a Cidade foy tomada, pôs em ordem como foſſe reſtituida á ſua Dignidade Epiſcopal,

piſcopal, e logo nomeou por Biſpo a D. Payo, homem inſigne em letras, e em virtude. Eſte foy o que fez a Ordenança das prebendas, e dividio as rendas do Biſpado em tres partes, ſc. duas para o Biſpo, e huma para o Cabido. O meſmo D. Payo fundou o grande, e nobre edificio da Sé, vinte annos depois da Cidade ſer tomada, e pôs por ſua maõ a primeira pedra em o fundamento no eſteyo do Altar de S. Mancos, e a começou aos 21. de Mayo dia do meſmo Sãto, no anno de 1186. ſendo ja fallecido ElRey D. Affonſo Henriques. Jaz enterado eſte Biſpo na Capella de S. Joaõ Bautiſta, que por ordem do Cardeal Infante D. Affonſo hora he do Santiſſimo Sacramento. Na qual Igreja, por ſer de taõ nobre Cidade, e taõ opulenta, que cada anno rende ao Arcebiſpo mais de ſeſſenta mil cruzados, houve ſempre Prelados de grande ſangue, como foraõ D. Garcia de Menezes, filho de D. Duarte Conde de Vianna; D. Affonſo de Portugal, filho natural do Marquez de Valença, primogenito do Duque de Bragança; o Cardeal Infante D. Affonſo, filho delRey D. Manoel, e o Cardeal Infante D. Henrique ſeu irmaõ, em cujo tempo foy erigida em Igreja Metropolitana no anno de 1541. pelo Papa Paulo III. a petiçaõ delRey D. Joaõ III. e por Deos fazer Rey deſtes Reynos ao dito Cardeal D. Henrique, largou o Arcebiſpado

pado, e o deo a D. Theotonio de Bragança filho do Duque D. Jayme.

CAPITULO VIII.

Trata de como o Reyno de Portugal foy confirmado em ElRey D. Affonſo, e de varias terras que conquiſtou pelo Alentejo,

ANNO 1165

43 POuco tempo depois de Evora eſtar em poder de Chriſtãos, no meſmo anno tomou ElRey por ſua peſſoa as Villas de Serpa, Moura, e Alconchel, que hoje eſtá nos limites de Caſtella, Alcacere do Sal, Elvas, e a Villa de Curuche, da qual mandou reedificar o Caſtello: e no anno de 1165. entre a tomada de Beja, e Evora, ſendo de idade de ſettenta e hum annos, ouvindo que Cezimbra eſtava falta de gente, e que com pouca difficuldade a tomaria, foy ſobre ella; e poſto que a Villa era muy forte, pelo Caſtello que tinha, a combateo, e tomou por força: e poſta nella a guarda neceſſaria, quiz accommetter Palmella, lugar pelo ſitio tambem muy forte, e difficultoſo, e que parecia impoſſivel tomar-ſe; para o que ſómente com ſeſſenta de cavallo, homens de valor, e com alguns peaõs beſteiros, partio para ver o aſſento do Caſtello, e por onde accommetteria: e eſtando-o vendo, appareceo ElRey de Badajoz com muita

muita gente das fronteiras, em que diziaõ vir quatro mil de cavallo, e sessenta mil de pé: os quaes vinhaõ sem ordem, e com grande pressa a soccorrer aos de Cezimbra, e muy fóra de cuidarem achar quem lhes desse estorvo. ElRey D. Affonso se deteve detraz de hum outeiro, e vendo os Cavalleiros que com elle vinhaõ tantas gentes, recearaõ muito verem-se em perigo, e aconselhavaõ à ElRey, que se recolhesse ao seu arrayal: outros eraõ de parecer, que se puzesse no alto da serra de Azeitaõ, e tomasse nella algum lugar forte, donde se defendesse, até ir recado aos seus. ElRey vendo o medo delles, que lhe nao pareceo sem causa, pela multidaõ dos Mouros, confiado porém no poder de Deos, com cuja confiança elle sahira de mayores empresas victorioso, os animou, que fossem accommetter aos inimigos, e que naõ affeassem com sua fugida a honra, que contra aquella gente tinhaõ ganhada: que o seu nome era taõ temido delles, que tanto que o vissem, desmayariaõ, e se dariaõ por vencidos: e que o pendaõ que haviaõ de seguir, era sua pessoa. Os Portuguezes, vendo a determinaçaõ delRey, e como elle punha áquella facçaõ sua pessoa, responderaõ, que lhe naõ faltariaõ, e o seguiriaõ, e que fosse logo, porque os Mouros se chegavaõ. ElRey abalou, e em se mostrando aos Mouros, fez tocar as trombetas, e começaraõ a ferir

ferir nelles tao rijamente, que nos primeiros encontros cahiraõ muitos mortos, e feridos. Os Mouros vendo ſe accommettidos de improviſo, e ſabendo que aquelle era ElRey D. Affonſo Henriques, cujo nome tanto temiaõ, e tendo para ſi que os Chriſtãos ſeriaõ mais, começaraõ a fugir, parecendo aos deiradeiros que os ſeus meſmos, que voltavaõ fugindo, eraõ os Chriſtãos; o que lhes fez mais pavor, e ſerem desbaratados. Alguns contaõ, que eſte accommettimento delRey D. Affonſo naõ foy logo, mas que ſe deixou eſtar até a madrugada, para dar nos Mouros de ſubito, achando os deſapercebidos, e cauſar-lhes mais medo, e que aſſim os desbaratou. De qualquer maneira a victoria foy grande, e notavel, ſendo de tantas gentes, e que vinhaõ valer a outros. ElRey ſeguio o alcance dos Mouros, e foraõ mortos, e feridos muitos, e outros cativos, e lhe foy tomada a carruagem, e quanto traziaõ, que foy hum grande, e rico deſpojo. Tanto que os Mouros foraõ desbaratados, mandou ElRey á preſſa dous Cavalleiros a Cezimbra com recado aos do ſeu arrayal, que vieſſem logo para elle. Os quaes vieraõ com grande moſtra de ſentimento, por ſe naõ acharem com ElRey na batalha, e participarem de taõ grande empreſa. Os Mouros de Palmella, como ſouberaõ o que ſuccedeo a ElRey de Badajoz, e viraõ os Chriſtãos

que

que vinhaõ contra elles. perdendo a eſperança de ſerem ſoccorridos, deraõ a Villa com condiçaõ de os deixarem ir em ſalvo; o que ElRey lhes concedeo, e aſſim lha entregaraõ.

ANNO 1179

44. Depois no anno de 1179. ElRey D. Affonſo Henriques ſupplicou ao Papa Alexandre III. que por elle herdar as terras de Portugal, e o povo o fazer a elle Rey, lhe confirmaſſe o titulo, e dignidade de Rey: e o Papa, por elle ſer taõ obediente, e benemerito da Igreja de Deos, e que nas guerras contra os inimigos da Fé empregava a vida, e a fazenda, o concedeo, recebendo a elle, e aos Reys ſeus ſucceſſores ſob a protecçaõ da Sé Apoſtolica, e lhe paſſou diſſo huma Bulla em S. Joaõ de Latraõ aos 23. de Mayo de 1179. em que ſe continha mais, que os Reys de Portugal dariaõ cada anno de cenſo, e tributo á Igreja Romana dous marcos de ouro, que em ſeu nome cobraria o Arcebiſpo de Braga; o qual cenſo os Reys de Portugal naõ ha memoria que em tempo algum pagaſſem; porque como elles fizeraõ ſempre tanto ſerviço a Deos, e á Igreja Catholica, extirpando a ſeyta de Mafamede, e revendicando delles as terras da Chriſtandade, que tinhaõ uſurpadas, naõ houve quem mais fallaſſe niſſo. Paſſados alguns annos, entre ElRey D. Affonſo Henriques, e ElRey D. Fernando de Leaõ, ſeu genro, houve deſgoſtos, e

ANNO 1179

quebra

quebra de amizade. Huns dizem que El-Rey D. Affonſo ſe offendeo delle pelo divorcio da Rainha D. Urraca ſua filha, de quem ElRey D. Fernando ſe apartou por mandado do Papa, pelo parenteſco que tinhaõ, naõ querendo com elles diſpenſar. Outros dizem que pelos Leonezes de Cidade Rodrigo fazerem damno aos lugares vizinhos de Portugal, e os Portuguezes, que foraõ contra elles, ſerem desbaratados dos Caſtelhanos; ElRey teve taõ grande ſentimento, como quem era coſtumado ſempre a vencer, e nunca ſer vencido, que ſendo de 75. annos entrou poderoſamente em Galliza, e tomou Lima, e Turon, e outros lugares: e depois voltando ao ſeu Reyno, veyo contra Badajoz, que poſto que foſſe de Mouros, era da Conquiſta delRey Leaõ, e deſtruindo-lhe os paẽs, e as vinhas, cercou a Cidade, e por força a tomou. ElRey D. Fernando de Leaõ mandou requerer a El-Rey D. Affonſo que deixaſſe a terra, que era de ſua Conquiſta, e ſe naõ, que o deſafiava para batalha, e veyo com todo o ſeu poder ſobre Badajoz, trazendo conſigo dous grandes Senhores de Caſtella, que andavaõ deſavindos de ſeu Rey, ſc. D. Diogo o Bom, Senhor, de Viſcaya (com cuja irmaã, chamada D. Urraca Lopes, filha do Conde D. Lopo de Navarra, depois caſou eſte Rey D. Fernando de Leaõ) e D. Fernaõ Ruiz de Caſtro. E ſabendo

ElRey

ElRey D. Affonſo que ElRey de Leaõ era chegado, e os ſeus ſe embaraçavaõ ja com elle, e com D. Diogo, e D. Fernaõ Ruiz de Caſtro, que vinhaõ na dianteira, abalou rijo para ſahir da Cidade, e chegar aos ſeus, e ao ſahir da porta, com o impeto que o cavallo levava, deo no ferrolho della, que por accaſo ficou mal recolhido, tal golpe, que ſe ferio muito, e quaſi quebrou a perna, ſem por iſſo deixar de chegar aos ſeus, e ajudallos. Mas o cavallo, como hia muito ferido, naõ ſe podendo mais ſoſter nos pes cahio em hum centeal ſobre a meſma perna, que ElRey levava ferida, e ſe lhe acabou do quebrar de maneira, que os ſeus o naõ puderaõ mais levantar, nem pôlo a cavallo. D. Fernaõ Ruiz vendo a ElRey caido, foy-ſe á preſſa a ElRey de Leaõ dizer-lhe como tinha a ElRey em ſeu poder, que o foſſe prender. ElRey de Leaõ chegou, e pelos Portuguezes, que a ElRey viraõ cahir, e ahi ſe acertaraõ achar, ſerem poucos, e os inimigos muitos, foy preſo por ſeu genro. E divulgando-ſe o deſaſtre, e prizaõ delRey, a Cidade foy tomada. ElRey de Leaõ levou a ElRey D. Affonſo comſigo, e o fez logo curar, e o tratou em tudo como a pay, e o aſſentou em ſeu eſtrado Real. Alguns dizem que o levou a Avila, e que ahi ſe curou. Depois de ElRey eſtar ſaõ vieraõ a concertar-ſe, que ElRey D. Affonſo de Portugal largaſſe a ElRey

ElRey de Leaõ as terras de Galliza, deſde o Minho até o Caſtello da Lobeira, que he huma legoa além de Ponte Vedra, que ElRey D. Affonſo de Caſtella dera ao Conde D. Henrique ſeu pay: e que como andaſſe a cavallo, foſſe a ſeu chamado reconhecendo-lhe ſuperioridade. ElRey D. Affonſo naõ podendo fazer outra couſa, diſſe que aſſim o cumpriria: e entregues as Fortalezas das terras de Galliza foy ſolto, E poſto que depois chegou a eſtar ſaõ da perna, nunca mais montou a cavallo, por naõ cumprir a homenagem que fez: mas ſempre andou, o mais tempo que viveo, em carro. Eſta prizaõ del-Rey dizem que foy no anno de 1179. e logo no anno ſeguinte pelo mez de Agoſto dia da Aſſumpçaõ de Noſſa Senhora, nas Cortes que ElRey juntou em Coimbra, como prudente que era, fez jurar ao Infante D. Sancho ſeu filho por herdeiro de ſeu Reyno.

ANNO 1179

45 Depois que a nova da aleijaõ del-Rey D. Affonſo correo pela terra, e ſabendo ſe que elle ja naõ montava a cavallo, e andava em hombros de homens, e em carro, pela homenagem que a ElRey de Leaõ fizera, e que naõ podia fazer guerra como antes, tomaraõ os Mouros ouſadia, e eſperança de ſe vingar delle. Pelo que Albojaque Rey de Sevilha ajuntou muitas gentes de toda a Andaluzia, e atraveſſando toda a terra de Alentejo, por

onde

onde vinha fazendo grande eſtrago, veyõ a cercar ElRey D. Affonſo, que eſtava em Santarem. ElRey, que em eſtremo vivia triſte por ſe ver em eſtado de naõ poder montar a cavallo, e que ja naõ era temido dos Mouros, como d'antes, o foy muito mais, quando ſe vio cercado, ſendo elle coſtumado a ſempre pôr cerco a outros, e pelejar em campo, e vencer, e nunca ſer vencido: e determinou em ſeu carro ſahir aos Mouros, e dar lhes batalha. Muitos dos ſeus lho contradiziaõ, dizendo que naõ ſahiſſe, mas que ſe defendeſſe na Villa: outros diziaõ que o melhor era ficar elle na Villa, e que elles ſahiriaõ a pelejar. Eſtes conſelhos eraõ muy contrarios ao grande animo delRey, e por tanto lhes diſſe que naõ trataſſem ſe ſahiriaõ a pelejar, ou naõ, ſenaõ quando ſahiriaõ, para elle os ver, e louvar os que bem o fizeſſem, e que elle os ajudaria como ſempre fizera; e q̃ ſe alguns tiveſſem receyo, ficaſſem na Villa, e naõ foſſem com elle. Eſtando concertados para ſahirem hum certo dia, e quaes haviaõ de guardar ElRey, aconteceo, que ElRey D. Fernando de Leaõ ſeu genro, ſabendo do cerco em que Albojaque o tinha poſto, ſem embargo de eſtar queixoſo delle, porque naõ montava a cavallo por naõ ir ás ſuas Cortes, e cumprir ſua promeſſa, ajuntou ſua gente, e o veyo ſoccorrer. ElRey D. Affonſo ſabendo que ElRey D.

Fernan-

Fernando vinha a Santarem, cuidou que vinha contra elle, por naõ cumprir com a homenagem que lhe fizera, e determinou de pelejar primeiro com os Mouros. ElRey de Sevilha cuidando tambem que ElRey de Castella vinha contra elle em ajuda de seu sogro, determinou de levantar o cerco: Mas ElRey D. Affonso sahio aos Mouros, como tinha determinado, e havendo com elles grande batalha, matou, e ferio muitos, e outros captivou, e os desbaratou, e se foraõ fugindo quanto podiaõ, deixando grande, e riquissimo despojo. ElRey D. Fernando quando soube que os Mouros foraõ desbaratados, e ElRey D. Affonso descercado, naõ foy mais adiante, posto que estivesse muy perto, e mandou dizer a ElRey, que naõ receasse cousa algũa, que elle naõ aballara, nem viera a mais, que a soccorrello, e que visto os Mouros se terem ausentado, ficasse com a paz de Deos. ElRey D. Affonso lhe mandou agradecer taõ grande attençaõ, e ElRey de Leaõ se foy. Este cerco de Santarem foy no anno de 1181. sendo ElRey de idade de 86. annos: mas o Mestre de Santiago D. Sancho Fernandes, que andava na Estremadura em serviço delRey de Leaõ com seus Cavalleiros, e alguma gente Leoneza, que acodio a soccorrer a ElRey D. Affonso, seguio aos Mouros, e no alcance matou, e prendeo muitos delles; pela qual razaõ ElRey D.

ANNO 1181

 Affonso

Affonso fez algumas doaçoens a Ordem de Santiago; o que o Chronista das Ordens diz ser no anno de Christo de 1186. fallecendo ElRey no anno 1185. no que parece haver erro no tempo.

CAPITULO IX.

Trata de como D. Sancho I. filho delRey D. Affonso Henriques começou à dar batalha, e de como a primeira que deo foy ao Rey de Sevilha, a quê venceo.

49 VEndo ElRey que elle, pelo impedimento de naõ andar a cavallo, naõ podia emprender guerra contra Mouros, como costumava, e querendo que seu filho o Infante D. Sancho, em quem via grande animo, e partes de bom Capitaõ, ganhasse aquella honra, e nome nas armas, a que a virtude de seu pay, e avós o incitavaõ, lhe disse que os povos de Alentejo, pelas tregoas com ElRey de Sevilha serem acabadas, se receavaõ de vir sobre elles, que lhe parecia razaõ que elle fosse, e cuidasse na defensa daquelles lugares. O Infante, por aquella ser a cousa que mais seu espirito desejava, lhe beijou a maõ, e pedio a ElRey seu pay, que fosse o mais cedo que ser pudesse, porque assim acharia a terra em melhor estado. ElRey mandou chamar gentes daquem do Tejo,

Tejo, e lhes mandou, que dahi a certos dias eſtiveſſem em Coimbra; e eſtando juntos ſe fez alardo no Arnado daquella Cidade de muy boa, e luzida gente; e no mez da Julho partiraõ, ſahindo ElRey com ſeu filho a pé até a ponte com todos os Grandes: e paſſada a gente além, no meyo da ponte beijou o Infante a maõ a ElRey ſeu pay, pedindo-lhe naõ tomaſſe mais trabalho: porque ElRey naõ ſe ſabia deſpedir de ſeu filho, nem daquelles com quem o mandava, porque por huma parte ſentia naõ ſe poder achar naquellas empreſas de tanto ſerviço de Deos, e honra ſua, como coſtumava, e a ſolidaõ em que ficava, ſendo de tanta idade, ſem ſeu filho unico, e herdeiro, que elle tenramente amava; e da outra os perigos, e fortuna que ſuccedem na guerra, a que o expunha, mandando-o contra tantos, e taõ poderoſos inimigos. Aquella noite primeira foy o Infante a Penella, e dahi mandou aos ſeus, que para irem mais folgadamente, foſſem apartados cada hum como quizeſſe, e que em certo dia ſe achaſſem juntos na Golegaã, e alli juntos partiraõ até chegarem a Evora, onde ſe deteve alguns dias para ver o que os Mouros determinavaõ com a ſua vinda. E porque os Mouros naõ fizeraõ movimento algum, alli juntou gente das fronteiras, que mandou chamar, dizendo que ficaſſem os neceſſarios para defenſa dos lugares: e de nenhum lugar a-

cudio tanta gente como de Beja, o que causou ficar a Villa falta de gente. O Infante aballou de Evora a 8. de Outubro de 1180. e segundo os Chronistas de Castella, de 1183. e correraõ todo o caminho de Sevilha, até passar a Serra Morena. Quando os de Sevilha souberaõ da vinda do Infante, tiveraõ se por muy affrontados: porque depois da destruiçaõ de Hespanha nunca Sevilha fora guerreada, nem vista de gente armada de Christãos; pelo que sahiraõ todos a esperallo ao campo de Axarafe. O Infante como o soube ficou muy alegre, e fallou aos seus dizendo-lhes que elles eraõ taes, e taõ bons Cavalleiros, e tinhaõ tanto exercicio na guerra, que mais sé esperava animarem-no a elle por sua menos idade, e experiencia, que esperarem que elle lhes trouxesse á memoria o que lhes cumpria para accommetterem aquella empresa, que naõ mãos tinhaõ: mas que só lhes lembrava, que por essas mesmas razoens a honra daquella victoria havia de ser mais delles, que sua, pois tudo se havia de fazer por sua ordem, e conselho: e que na ausencia delRey seu pay, e senhor ficava sua virtude, e esforço delles de mais dura condiçaõ, pois que tendo-o presente, com fazer o que deviaõ, lhe satisfaziaõ: E que agora ainda que muito satisfizessem a elle seu Capitaõ, como testimunha de vista, fazendo seu dever, naõ succeden-

ANNO 1180

do

lo bem, e prosperamente, naõ satisfariaõ a seu pay, por ser hum Principe, que nunca foy vencido: e que confiado em suas bondades, e esforço, lhes entregou a elle seu filho: e que como de fieis, e leaes vassallos, e de tanto valor, e esforço, tinha a victoria de todas as empresas por certa. Puseraõ as palavras daquelle Principe mancebo nos coraçoens dos que o ouviraõ tanto affecto, que cada hum deseiava aventurar a vida por elle, e todos se offereceraõ a servillo, e lhe deraõ certas esperanças da victoria. O Infante levava comsigo dous mil e trezentos de cavallo, fóra os corredores. No primeiro batalhaõ, em que elle hia, metteo seiscentos Cavalleiros, e com elle hia o Arcebispo de Braga, e D. Gonçalo, e D. Pero Paes Alferes, e D. Mendo Moniz; o outro batalhaõ, que havia de ser do meyo, hia encommendado a D. Gonçalo de Sousa com outros seiscentos de cavallo; o terceiro, que era a retaguarda, hia encommendado a D. Lourenço Viegas com outros seiscentos de cavallo. A ala direita levava o Conde D. Pedro, a quem as memorias daquelle tempo chamaõ das Asturias, com duzentos e cincoenta de cavallo: a esquerda o Conde D. Ramiro com outros duzentos e cincoenta; e os mais dos corredores com a gente de pé, puzeraõ detrás da carruagem, para a ter guardada, se alguns Mouros quizessem accommet-

accommettelia. Da gente de pé naõ se sabe o numero, nem como foy repartida, mais que de quatro mil que eraõ mettidos na vanguarda em que hia o Infante.

47 Ao outro dia pela manhaã o Infante ordenou seus batalhões; e posta a gente em ordem, fez mover sua Bandeira: e em chegando aos Mouros deraõ sobre elles, e os Mouros os receberaõ muy esforçadamente, e ao juntar-se houve de huma, e outra parte muitos derrubados, e cavallos sem senhores pelo campo; e sobre o batalhaõ do Infante carregaraõ tantos dos inimigos, que se naõ fora soccorrido, naõ se pudera soffrer: pois vendo D. Gonçalo de Sousa, e D. Lourenço Viegas o Infante cercado, e mettido entre tantos Mouros, foraõ com grande pressa a soccorrello, e assim mesmo o Conde das Asturias, e o Conde D. Ramiro Capitães das alas. Depois das batalhas envoltas, e muy feridas, se partio a peleja em cinco partes, e os Christãos pelejaraõ de maneira, que fizeraõ juntar todos os Mouros, onde estava o seu pendaõ de Sevilha. Aqui pelejou o Infante, e obrou de maneira, que se assignalou filho de seu pay. D. Pero Paes arremetteo, e chegou o pendaõ do Infante entre os Mouros, e alli se travou huma rija peleja, e D. Mendo Moniz accommetteo ao Alferes de Sevilha, e lhe deo taes duas cutiladas, que o desatinou, e deixando cahir a espada, que trazia pre-

sa

ſa de huma cadea ..o coſtume antigo, tra-
vou do Alferes, e deo com elle, e com o
pendaõ de Sevilha no chaõ. Os Mouros,
que com algum esforço, ou vergonha pe-
lejavaõ, vendo o ſeu pendaõ derrubado,
começaraõ a fugir caminho da Cidade, e
o Infante, e os ſeus os ſeguiraõ matando,
e derrubando quantos podiaõ. E ao entrar
de Triana, foy tanta a preſſa, e aperto
dos Mouros, que naõ puderaõ cerrar as
portas; pelo que os Chriſtãos entraraõ de
revolta com elles. Os Mouros, que ti-
nhaõ paſſado a ponte, por ſoccorrerem
aos que ficavaõ atrás alcançados dos Chri-
ſtãos, deraõ tanto eſtorvo aos derradeiros,
que tiveraõ os Chriſtãos muito tempo, e
lugar, para fazer nelles grande mortanda-
de: e foy tanta, que as agoas do rio
Guadalquivir pareciaõ de ſangue. O In-
fante, desbaratados os Mouros, ſe tornou
ao lugar, onde elles tinhaõ ſeu arrayal aſ-
ſentado, no qual ſe acharaõ grandes pre-
ſas de ouro, prata, cavallos, e outras
muitas couſas: o que tudo o Infante re-
partio pela ſua gente, ſem diſſo querer
para ſi couſa alguma, mais que a honra de
taõ bom ſucceſſo.

48 Como de Beja partio tanta gente,
para ir com o Infante á guerra de Andalu-
zia, que a Villa naõ ficava ſegura, alguns
dos que ficaraõ ſe foraõ, vendo que eſ-
tavaõ em perigo de ſerem tomados dos
Mouros; pelo que ſe juntaraõ dous prin-
cipaes

cipaes entre elles, Halichamasi, e Albohazil com muitos que os seguiraõ, e foraõ cercar Beja: e por se defenderem bem os de dentro, ainda que poucos, a naõ tomaraõ. Pelo que vendo os Mouros que o Infante andava longe, e os naõ poderia soccorrer, determinaraõ de asentar seu arrayal, e começaraõ a fazer muitos artificios, e engenhos para os combates. Os da Villa mandaraõ hum escudeiro escondidamente ao Infante, que estava sobre Niebla, fazendo-lhe saber de seu estado: o Infante, com conselho dos seus, partio logo com mil homens de pé, e quatrocentos de cavallo, caminho de Beja, mandando que a mais gente o seguisse, e deixou por Capitaõ a D. Pero Paes; porque, por ser Alferes delRey, tinha o cargo, que agora he dos Condestaveis, que ainda naõ havia: e a Bandeira Real a deo da sua maõ a Sueiro Paes seu sobrinho. O Infante, com os bons Adaiis que levava, foy por taes caminhos, que os Mouros naõ souberaõ novas delle; e passando pelo vao de Mertola, onde chamaõ as Acenhas, foy visto pelas escutas, que ahi estavaõ, que delle deraõ novas aos da Villa. Os Mouros, cuidando que naõ vinha o Infante sobre elles, e entendendo por conjecturas, que hia a Beja, mandaraõ logo aviso por homens de pé, e de cavallo a Albohazil, e Halichamasi. Com esta nova estiveraõ os Mouros em duvida do que fariaõ, huns

eraõ

eraõ de opiniao, que eſperaſſem o Infante, e pelejaſſem com elle, outros diziaõ, que o mais ſeguro conſelho era irem-ſe, e naõ o eſperarem. O Infante, aſſim que chegou ao campo de Ourique, porque atélli viera á preſſa, e o caminho que trouxera fora máo, e os ſeus vinhaõ trabalhados, diſſe que ſe naõ apreſſaſſem a andar para que mais folgados chegaſſem aos inimigos. Os Mouros, como tiveraõ o aviſo, mandaraõ corredores á eſpiar que gente era a que vinha, e ſe vinha a Beja; os quaes chegando-ſe aos do Infante, que vinhaõ diante, prenderaõ hum eſcudeiro, e o levaraõ aos Capitaens, do qual ſouberaõ a verdade: e como a vinda do Infante pôs a muitos pavor de pelejarem, lembrando-ſe do ſucceſſo de Sevilha, e a outros cauſava vergonha irem-ſe, e moſtrar medo; ſem ſe determinar, houve tempo de chegar o Infante: pelo que lhes foy neceſſario eſperar, e ſahir fora do arrayal. Os Mouros eſtavaõ poſtos ja em ſeus batalhoens quando o Infante chegou, pelo que ſem mais eſperar mandou a Sueiro Paes, que aballaſſe logo com a Bandeira. A peleja começou, e foy muy travada, e pelejada de ambas as partes: mas naõ podendo ſoffrer os Mouros o grande esforço dos noſſos, começaraõ a fugir, e foraõ muitos delles mortos, entre os quaes foraõ os dous Capitães Albohazil, e Hali: chamaſi, e houve muitos captivos, e grande

grande presa. Os da Villa sahirao fóra servindo ao Infante com o que tinhaõ : os quaes elle recebeo com muito agrado, louvando-lhes o grande esforço com que se defenderaõ, sendo taõ poucos; e naõ quiz entrar na Villa até chegar toda a gente, que atrás ficava.

49 Em quanto o Infante andava occupado na guerra de Alentejo com os Mouros, hum Rey que entaõ era daquella terra, e o de Caceres, e Valença por nome Gami, com hum irmaõ seu passou o Tejo, e com muita gente, que juntou, correo toda a terra, que por aquella parte estava pelos Christãos, até chegar à Porto de Mós, lugar que entaõ tinha hum bom Cavalleiro, por nome D. Fuas Roupinho: o qual sabendo que aquelle Rey vinha sobre elle, sahio do Castello, deixando nelle gente, que o pudesse defender, e assim lhe encommendou que o fizessem, que elle hia buscar-lhe soccorro. Alli, da banda donde nasce o rio de Porto de Mós, ha huma serra, que chamaõ da Mendiga, nella se escondeo, e mandou com grande pressa recado a Alcanede, e a Santarem, fazendo lhes saber da vinda delRey Gami, e que lhe mandassem gente, que com ella esperava de o desbaratar: e logo lhe acudio gente no mesmo dia, que ElRey Gami chegou sobre Porto de Mós. Como Gami vio o Castello taõ pequeno, naõ tratou de esperar mais, mas em chegando o come-

o começou a combater: e foy o combate taõ porfiado dos de fóra, e de dentro, que durou até á noite com muitos dos Mouros mortos, e feridos, naõ ſem damno dos de dentro. Os que na ſerra eſtavaõ com D. Fuas Roupinho, vendo o perigo, que corriaõ os do Caſtello, davaõ ſe preſſa por lhes acudir, e deſejavaõ, porque eraõ muitos, de pôr mãos aos Mouros. D. Fuas os deteve, dizendo lhes que ſe naõ agaſtaſſem, que o deixaſſem obrar a elle, que os do Caſtello eraõ taes, que elles ſe defenderiaõ. Pelo que eſperou atè a noite, que os Mouros ceſſaſſem do combate, e foſſem repouſar, ſabendo que com o quebrantamento do caminho, e do combate, ſe haviaõ entaõ de entregar mais ao ſomno, determinando de ante-manhaã dar nelles, e os tomar de ſobreſalto. E aſſim o fèz, que pela manhãa os achou dormindo, e deſcuidados de lhes poder vir de fóra damno: e pelo lugar, em que eſtavaõ, ſer eſtreito, por ſer entre o rio, e o Caſtello, foy apto para os poderem mais facilmente matar, ferir, e prender, ſem ſe poderem valer. ElRey Gami, e ſeu irmaõ foraõ preſos, os quaes, com outros cincoenta priſioneiros dos mais honrados, D. Fuas levou de preſente a ElRey D. Affonſo Henriques, que eſtava em Coimbra, que com a vinda de D. Fuas, e dos que com elle foraõ, recebeo grande goſto, e lhes fez muitas mercês.

50 Neſte

50 Neste tempo que D. Fuas Roupinho foy a Coimbra, veyo de Lisboa recado a ElRey como certo Capitaõ Mouro com nove Gallés fazia muito damno naquella costa: pelo que mandou D. Fuas a Lisboa com recado a seus officiaes lhe dessem armada bastante para o ir buscar. D. Fuas foy ao rio de Setuval, donde elles ja vinhaõ para estorvarem a sahida de D. Fuas: Os quaes em dobrando o Cabo de Espichel, se encontraraõ com elle, e pelejando fortemente, os Mouros foraõ desbaratados, e todas as Gallés tomadas: o que foy em 15. de Julho de 1184. Este bom successo de D. Fuas foy causa de outro muito máo; porque naõ lembrado dos casos da fortuna, que naõ correm sempre de huma maneira, mayormente em guerra naval, onde o perigo he dobrado, e os acontecimentos mais varios, escreveo a ElRey novas da victoria das Gallés, e que os moradores de Lisboa estavaõ muito desejosos de fazerem guerra por mar aos Mouros, e que se elle o houvesse por bem, o serviria nisso. ElRey approvou taõ justo intento, e lhe mandou dar huma boa armada, de que o fez Almirante. D. Fuas correo a Costa do Algarve, e dahi foy ao Porto de Septa, onde tomou muitas fustas, e navios de Mouros, e depois de estar ahi dous dias, se tornou a Lisboa muito contente; e dahi a tres mezes com grande alvoroço tornou outra vez ir ao Estrei-

ANNO 1184

Eſtreito, cuidando trazer outra preſa. Porém os Mouros, que ficaraõ affrontados da ſua primeira armada, para naõ receberem mais damno, mas ſim vingarem o recebido, mandaraõ recado a todos os lugares de Mouros, aſſim de Africa, como da banda de Heſpanha, pedindo-lhes ſe uniſſem para eſperar a armada de Portugal; com cujo aviſo ſe juntaraõ cincoenta e quatro Gallés, que eſtavaõ no Porto de Septa, quando D. Fuas entrou pelo Eſtreito com vento forçoſo, que os fez correr de longo com as Gallés dos Mouros; pelo que lhes foy neceſſario pelejar: e pelos Mouros ſerem muitos mais em numero, os Portuguezes foraõ vencidos, e desbaratados, e muitos mortos, e entre elles D. Fuas Roupinho, o que foy em 17. de Outubro de 1184.

CAPITULO X.

Trata de como ElRey D. Affonso Henriques alcançou victoria de treze Reys Mouros, q̃ vinhaõ a Santarem contra seu filho D. Sancho, e de como instituio a Ordem de Aviz.

51 O Miramolim de Marrocos Abeniacob II. Rey dos Almohades, e filho de Abdelmon, vendo o grande estrago, que ElRey D. Affonso Henriques, e o Infante D. Sancho seu filho tinhaõ feito nos Mouros, e as muitas terras, que lhes tomaraõ, e as que lhes pertendiaõ tomar; e movido de muitos queixumes, que cada dia sobre esse caso os Mouros lhe faziaõ, determinou de fazer guerra a Portugal, e vir a isso em pessoa: Pelo que juntou muitas gentes daquem, e dalém mar, que dizem ser tantas, quantas nunca de Mouros foraõ juntas, para entrar em Portugal. Entre elles vinha Albojaque Rey de Sevilha, e ElRey Abbohazi, e outros Reys Mouros, que por todos eraõ treze, e todos vieraõ pelo Alentejo E passando o rio dia de S. Joaõ Bautista daquelle anno de 1184. neste mesmo dia foraõ sobre o Castello de Torres Novas, e o destruiraõ: á segunda feira vieraõ pôr seu arrayal em hum monte, que chamaõ de Pompeyo, e á terça se juntaraõ todos na Redinha: á

ANNO 1184

quarta

quarta aſſentaraõ na Horta lagôa; quinta feira, que foy veſpera de S. Pedro, pela manhaã abalou o Miramolim com toda a ſua gente, e chegou á Santarem. Neſta Villa eſtava o Infante D. Sancho deſde que viera de Beja; e como ſoube da vinda de Miramolim, bem entendeo que o viria buſcar: e por naõ ter comſigo tanta gente, com que ſe pudeſſe defender, e naquelle tempo a Villa naõ ter mais cerca, que a Alcaçeva pela torre de Alfaõ até Alfange, depois de guarnecer os muros, e ordenar o neceſſario para a defenſa, tomou huma parte do arrabalde, e mandou-o cercar de cubas, e palanques, e alguns lugares em que pudeſſe eſtar para defender a entrada, mandando para mais ſeguridade derrubar as caſas ao redor. Feito iſto, repartio ſua gente pelos palanques, e elle ſe pôs onde a preſſa havia de ſer mayor. Como o Miramolim chegou, ſabendo que o Infante o eſperava naquelle palanque, o tomou por deſprezo, e mandou tocar as trombetas, e mover a gente para o combater. Foy o combate muy pelejado, e taõ bravo, que de huma parte, e outra houve muitos mortos, e feridos, até a noite, que os dividio. Eſte trabalho ſoffreraõ cinco dias, porque como os Mouros eraõ tantos, renovavaõ-ſe cada vez muitos ao combate deſde pela manhaã até á noite. ElRey D. Affonſo Henriques quando ſoube que o Miramolim vinha ſo-

bre

bre o Infante seu filho, juntou a gente que pode, e o veyo soccorrer tanto á pressa, sendo elle entaõ ja de 90. annos, que ao terceiro dia que o Miramolim chegou a Santarem, estava elle em Porto de Mós. Os Mouros, ainda que souberaõ da sua vinda, naõ deixaraõ de perseverar nos combates com mais fervor cada dia, como sempre faziaõ. Ao quinto dia estava o Infante, e os seus em tanto aperto, que o palanque foy roto por algumas partes, e muitos dos Christãos mortos, e feridos, e o Infante tambem ferido. Mas com tudo aquelle dia se defenderaõ com taõ grande animo, que naõ foraõ entrados; e ja naõ tinhaõ modo algum de defensa, senaõ desampararem o palanque, e acolherem-se á cerca. Mas vindo novas aos Mouros neste tempo de que ElRey D. Affonso vinha perto, puzeraõ tanto receyo nelles, que começaraõ a perder o animo, e a desamparar os combates; e pouco a pouco se foraõ, como desbaratados. Quando os Christãos viraõ que os arrayaes dos Mouros se moviaõ, e partiaõ donde estavaõ, sahio contra elles a gente de pé, e os Mouros se affastaraõ para onde chamaõ Monte do Abbade. Nisto começou a apparecer ElRey D. Affonso com a sua gente, de que o Infante, e os seus se alegraraõ, e logo se puzeraõ todos a cavallo, e juntos com os delRey deraõ nos Mouros, fazendo nelles grande matança, de que morreo grande

grande parte dos nobres, e entre elles alguns daquelles Reys. O Miramolim foy muy ferido, e de feridas mortaes, de que dahi a poucos dias morreo. Foraõ desbaratados os Mouros com o favor delRey D. Affonſo Henriques, que naõ pareceo ſenaõ como o Sol, que em apparecendo desfaz logo todas as nuvens, (tanto póde a authoridade, e diſciplina de hum bom Capitaõ) e ElRey, e o Infante ſe recolheraõ muy goſtoſos. No arrayal dos Mouros acharaõ grandes deſpojos de ouro, prata, e tendas armadas, e grande numero de cavallos, e camelos. Com todas eſtas couſas, e muitos captivos, entraraõ triunfando na Villa, e dando muitas graças a Deos. Eſta foy a ultima proeza, que pelas armas obrou ElRey D. Affonſo Henriques, ſendo ja de noventa annos, e em que naõ moſtrou menos força de animo, e braço, q̄ quando era mancebo. Finalmente eſta foy a mayor victoria de quantas ElRey houve, aſſim pela infinita multidaõ de Mouros, que com aquelles treze Reys vinhaõ, como pela ferocidade daquellas gentes taõ varias, e bellicoſas, e coſtumadas a tantas victorias, que houveraõ na Aſia, Africa, e Europa, como pela pouca gente, que o Infante tinha, e a pouca que ElRey trouxe, vindo com a preſſa com que acudio a ſeu filho, que nem os de ſua caſa poderia trazer todos.

52 Eſcreve-ſe daquelles Mouros que

escaparaõ, que indo de caminho, puseraõ cerco sobre o Castello de Alemquer, e estiveraõ nelle alguns dias sem o poderem tomar, e dalli foraõ á Ruda, e a destruiraõ toda por terra, e dahi a Torres Vedras, que tambem tiveraõ em cerco alguns dias em vaõ: e ao passar do Tejo morreo o Miramolim das feridas, que recebeo na batalha de Santarem.

53 He digno de sentimento que vivendo ElRey D. Affonso Henriques mais que nenhum Rey de Hespanha, andando quasi toda a vida com as armas na maõ, e tendo tanta materia em que as exercitasse, como foraõ tantos inimigos da Fé seus vizinhos, Reys potentissimos em Hespanha, e outros, que da Africa o vinhaõ buscar, e havendo delles tantas victorias, despojando-os de tantas Villas, e Cidades, quantas havia de Coimbra para esta parte de Alentejo, e Estremadura, naõ temos mais informaçaõ, que a que ouvistes, havendo materia para delle, e dos Cavalleiros de seu tempo, que foraõ muitos, e taõ famosos, se poderem compor muitos livros. E para que se veja o que de todos se pudera dizer, direy só de hum o que achey escrito em huma antiga memoria: naõ o que fez em os muitos annos, que viveo, senaõ o que fez no ultimo dia de sua vida, e na ultima hora della. Este era hum Fidalgo por nome D. Gonçalo Mendez de Amaya, a que chamavaõ o Lida-

Lidador, genro de Egas Moniz, que casou com sua filha D. Leonor Viegas. Era èste Cavalleiro, segundo se escreve delle, de tanta força, que naõ havia armadura, por forte que fosse, que elle naõ quebrasse, ferindo a quem a trazia, ou mettendo-lha pelo corpo. Pelo que atè a idade de 95. annos, a que chegou, exercitava com o mesmo esforço as armas, como quando era mancebo. E sendo elle Adiantado delRey D. Affonso Henriques contra os Mouros, aconteceo, indo a correr a terra junto a Beja, ter duas batalhas em hum mesmo dia, em que foy vencedor, e acabou o seu officio de Lidador, como se chamava. A primeira batalha foy com aquelle Alboleimar, grande Capitaõ, na qual se encontraraõ ambos com as lanças com tanta furia, que juntamente vieraõ a terra: na qual pressa Alboleimar foy soccorrido dos seus Mouros, e D. Gonçalo Mendez de seus cunhados, filhos de D. Egas Moniz, que com elle hiaõ, e o puseraõ a cavallo, ficando porém ambos feridos de feridas mortaes, e dos Mouros muitos mortos, e todos desbaratados. Mas recolhendo-se D. Gonçalo Mendez muy contente com a victoria de tantos, e taes inimigos, naõ sabendo quam mal hia, viraõ vir á pressa por hum espaçoso campo a Aliboacem Rey de Tangere com mil homens de cavallo, que passara o mar para cobrar o Castello de Mertola, com que

hum ſeu tio ſe levantara. Eſte Aliboacem tendo novas que Alboleymar hia em buſca dos Chriſtãos, para lhes dar batalha, ſe levantou em rompendo a alva, deſejando de ſe achar nella, e o ajudar. O que ſabendo D. Gonçalo Mendez, e vendo o perigo em que eſtava, pelas feridas mortaes que trazia, fallou a todos os Fidalgos, que com elle hiaõ, que por quanto elle eſtava taõ mal ferido das feridas que lhe dera Alboleimar, de que ſe lhe hia muito ſangue, e porque as forças lhe hiaõ fallecendo para ſoffrer o peſo da batalha, lhes pedia, que ſe elle nella deſappareceſſe, ficaſſe D. Egas de Souſa ſeu genro, que era de grande ſangue, e de grande bondade, em ſeu lugar. Os Fidalgos lhe reſponderaõ, que Deos o livraria daquelle perigo: e que ſe tal couſa aconteceſſe, que elles fariaõ o que lhes mandava. Mas mudando-ſe a D. Gonçalo Mendez a cor do roſto, e entendendo todos ſua fraqueza, que elle encubria, hum D. Affonſo de Amigide, Conego de Bayaõ, lhe diſſe que ſe deſarmaſſe, e aſſentaſſe no caminho, que todos morreriaõ ante elle. Ao que D. Gonçalo reſpondeo, que nunca Deos quizeſſe que elle naõ uſaſſe de ſua força, em quanto lhe pudeſſe durar, nem deixar em tanto perigo taes amigos: e chegando-ſe os Mouros a grande preſſa, e accomettendo aos Chriſtãos, como a homens que ſabiaõ eſtavaõ canſa-

canſados da primeira batalha comAlboleymar, diſſe Gonçalo Mendez: *Senhores, eſtes Mouros vem a nós com muito grande furia, voltemos a elles:* e aſſim os accometteraõ os Chriſtãos com grande animo. Nos primeiros encontros cahio D. Gonçalo Mendez do cavallo, como quem eſtava ja ſem força, pelo muito ſangue que perdera. Os Fidalgos, que eraõ muito ſeus amigos, e eſtremados em bondade, vendo cahido ſeuCapitaõ, e deſejãdo de o vingar, fizeraõ proezas nunca viſtas; porque ſendo em pouco numero, venceraõ todos aquelles Mouros, ficando porém no campo mortos a quarta parte dosChriſtãos, entre os quaes acharaõ morto a Gonçalo Mendez de Amaya. O qual com muitas lagrimas, e triſteza os Fidalgos levaraõ honradamente, e lhe deraõ ſepultura, admirando-ſe das chagas, que lhe viraõ, que por ſerem grandes, e em lugares que as faziaõ mortaes, parecia couſa maravilhoſa a hum homem de tanta idade poder-lhe durar tanto a força. Delle naõ ficaraõ mais que duas filhas, que foraõ D. Gontinha Gonçalves, que foy a mulher de D. Egas Gomes de Souſa, e Moninha Gonçalves, que caſou com D. Rodrigo Fuguus de Traſtamara. Os Fidalgos, que neſtas batalhas ſe acharaõ, e que muito acompanhavaõ a Gonçalo Mendez, e o ſeguiaõ por ſeu grande esforço, e diſciplina militar, e de que deſcendem muitas familias

-lias nobres de Portugal, eraõ D. Gomes Paes da Silva, D. Egas Gomes de Sousa, D. Godinho Fafes, D. Mem Fernandez de Bragança, D. Sancho Nunes, D. Alvaro Rodrigues de Gusmaõ, D. Egas Pires Cornel, D. Gomes Mendez Gedeaõ, D. Soeiro Ayres de Valladares, D. Raymaõ Garcia de Porto Carreiro, D. Nuno Soares, D. Moço Viegas, D. Monido Viegas, D. Gonçalo Vasques, D. Ligel de Flandres, que era Alcaide mór de Lisboa, D. Fernaõ Mendez de Guindar, D. Payo Godiis, D. Ero Mendez de Molles, D. Payo Soares Ç,apata, D. Mem Moniz, D. Pero Paes Escacha, D. Abaya, D. Payo Delgado.

54 Quando ElRey D. Affonso tomou a Cidade de Evora, por ser terra taõ grande, e abastada, e situada em parte donde commodamente podia fazer guerra aos Mouros, fundou nella huma Milicia da Ordem de S. Bento; que he a mais antiga, que ha em Hespanha, que se veyo a sujeitar á Ordem de Calatrava: a qual Ordem foy confirmada pelo Papa Innocencio III. no anno de 1204. sendo ja fallecido ElRey D. Affonso, e reynando D. Sancho seu filho. A habitaçaõ dos Cavalleiros era junto da Sé, onde agora chamaõ a Freiria, que he hum bairro habitado de Conegos. A Igreja, em que se celebravaõ os Officios Divinos, era a Ermida de S. Miguel junto ao Castello antigo

tigo da Cidade, que se desfez, que agora está junto com o Collegio do Espirito Santo dos Padres da Companhia de Jesus. Estes Cavalleiros se chamavaõ entaõ Freires ao modo Francez; delles houve em Evora sómente tres Mestres: o primeiro foy D. Fr. Fernando Roiz Monteiro, a quem ElRey D. Affonso Henriques deo Mafra, quando a tomou aos Mouros; o segundo D. Fr. Gonçalo Viegas, filho de D. Egas Moniz; o terceiro D. Pedro Annes, em cujo tempo se passou para Aviz, reynando ja D. Affonso III. Depois (como se dirá adiante) foy exempta da sujeiçaõ do Mestre de Calatrava no tempo delRey D. Joaõ I. porque até entaõ era visitada pelos Mestres daquella Ordem de Castella. E como ElRey D. Affonso Henriques era amigo de Cavalleiros, era-o muito mais de Cavalleiros de Ordens, por ser Principe pio, e religioso: pelo que tambem deo muitas dadivas, e terras em seu Reyno á Ordem dos Cavalleiros do Templo, e aos do Hospital de S. Joaõ de Jerusalem, a quem fez doaçaõ de oitenta mil dinheiros de ouro, para se comprar tanta renda, com que se pudesse dar cada dia a todos os enfermos do Hospital da Santa Cidade mantimento de paõ, e vinho para sempre.

CAPI-

CAPITULO XI.

Trata da Religiaõ, e virtudes delRey D. Affonso Henriques, e Mosteiros que edificou.

55 AS Igrejas, e Mosteiros, que de sua fazenda fundou, e edificou, dizem que foraõ 150. entre os quaes edificou o grande, e Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, ao qual elle teve sempre grande devoçaõ, porque nelle conversou na vida, e se mandou sepultar na morte, e a quem deo tantas rendas, e vassallos, que os residuos, que sobejaõ do gasto dos Religiosos reformados, saõ muitos mil cruzados, que se applicaraõ á Universidade de Coimbra, com que hoje he a mais rica de Hespanha. Edificou tambem o grande Mosteiro de Alcobaça, a quem deo tantas terras, como ja dissemos que promettera quando foy sobre Santarem, que em riqueza, e grandeza he hum dos grandes da Christandade, e onde houve já tantos Frades, que diziaõ nelle as horas perennes, que eraõ: todas as horas de dia, e de noite estarem os Frades no Coro cantando sem cessar, sahindo huns, e entrando outros. Edificou tambem o nobre Mosteiro de S. Vicente de Lisboa, a quem deo muita renda: pela qual razaõ he de crer que Deos lhe dava tantas victorias:

ctorias: nas quaes obras ſua mulher o imitou, que de ſua fazenda edificou outros, como foraõ alguns na Cidade do Porto, e o Moſteiro de Leça huma legoa da meſma Cidade, e o Moſteiro da Coſta de Guimaraens, que agora he de Frades Jeronymos, S. Pedro de Rates, Santa Maria de Agoas Santas, Santa Maria dos Goyos, e outras Caſas, e Hoſpitaes. E entre outros obras deixou renda perpetua para haver huma barca em Meijaõ-Frio ſobre o Douro, para paſſar de graça a todos os paſſageiros: e em huns Paços, que dizem que fez em Canavezes, para pouſar os dias que ahi eſteve, mandando fazer a ponte ſobre o Tamaga, fundou hum Hoſpital, a que deixou muitos bens, e direitos Reaes, que ella tinha naquella Comarca; e outras muitas obras pias, que naõ vieraõ á noſſa noticia. O que tudo ſe deve attribuir á piedade, e devoçaõ delRey ſeu marido, cuja religiaõ foy tanta, que o tempo que reſidia em Coimbra, eſtava como os outros Religioſos ſempre nos Officios; para o que deſcingia a eſpada a huma certa porta por onde entrava para a Igreja, que hoje em dia os Frades de Santa Cruz chamaõ a porta da eſpada cinta, porque nella a tirava, e á ſahida a tornava a cingir.

56 Foy ElRey de ſua peſſoa muy formoſo, e bem compoſto, e que com a muita ſerenidade que tinha, repreſentava huma bravura, que convinha a hum gran-

grande Capitaõ, que havia de ſer terror dos Mouros. Por ſuas muitas virtudes, liberalidade, e juſtiça, era muy amado, e muy venerado dos ſeus, e muito temido dos inimigos. Era taõ confiado de ſi, que (como ſe eſcreve de Scipiaõ Africano) o que elle determinava de fazer, dava-o por acabado, como lhe aconteceo em Santarem, onde diſſe no dia de antes, que ao outro dia eſtariaõ dentro na Villa, levando comſigo taõ poucos, e indo a fazer hum feito de furto, e ſalto. Em magnanimidade, e fortaleza de braço, podia contender com qualquer dos mayores Capitaens dos antigos. Foy taõ grande cortador de eſpada, que na batalha, onde elle entrava, fazia ſempre campo largo. Mandou ſe ſepultar em Santa Cruz em huma Capella, que para ſi fez, donde ElRey D. Manoel o mandou tirar a elle, e a ElRey D. Sancho ſeu filho, e paſſar á Capella mór, para humas nobres ſepulturas, que de pedra branca lhes mandou fazer; na qual trasladaçaõ ſe vio ſeu corpo inteiro. Pela muita devoçaõ, e affeiçaõ que tive áquelle Santo Rey, de que ouvira grande couſas, ſendo eu eſtudante em Coimbra, alcancey com a minha diligencia, aſſim dos Padres antigos, que foraõ de Santa Cruz, como da gente da Cidade, muitas noticias, e milagres, que conſervo eſcritos. Pelo que me admira que os Reys ſeus deſcendentes naõ trataſ-

ſem

ſem de o canonizar. Quando entrava nas batalhas veſtia ſobre as armas huma ſobreveſte, ou cota de armas, que me diſſeraõ homens antigos, que a viraõ, ſer de olanda, e guarnecida de huma franja de ſeda verde, com as armas Reaes na dianteira, e coſtas della: a qual ſe tinha em tanta eſtima, como huma precioſa reliquia, por ſer daquelle Rey Santo, e que as mulheres daquella Cidade, que eſtavaõ de parto, e padeciaõ trabalho, a mandavaõ pedir, e logo em ſe cobrindo com ella ſe viaõ livres; a qual em hum incendio, que houve na Sacriſtia do Moſteiro, ſe queimou com grande pezar das mulheres da Cidade. Falleceo ſendo de 96. annos em Coimbra na era de 1185. Em cuja canonizaçaõ ſe cuida ao preſente em Roma com a mais fervoroſa diligencia, e naõ menos empenho do Auguſto, e Soberano Rey D. Joaõ o V. para quem parece quizeraõ os muitos ſeculos que paſſaraõ deixar eſta gloria, que ſem duvida he grande para a naçaõ Portugueza, a qual naõ deixa de contemplar com ſentimento o grande deſcuido, que em obra taõ importante tem havido.

F I M.

IN-

INDEX

Dos Capitulos, que se contém neste livro.

FINIS, LAUS DEO.